

Que se não descuide a Imprensa
Nem deixe sem corda a molla!

Ancioso o Brasil só pensa
No momento da degolia..

D. QUIXOTE

GRINDELIA OLIVEIRA JUNIOR



Aos que Tossem

Aos que Soffrem

Em tres dias a tosse dissipa-se com o uso do

XAROPE DE

GRINDELIA

De OLIVEIRA JUNIOR

A TOSSE E A TUBERCULOSE

De todas as enfermidades que mais damnos e maior numero de vidas sacrifica diariamente é, sem duvida, a tuberculose, e isso devido ao descuido e pouco caso que commumente ligamos aos

RESFRIADOS E TOSSES

que sempre julgamos um mal passageiro, de pouca ou nenhuma importancia, sem pensarmos nas suas terriveis consequencias.

PREÇO 2\$000.— Depositarios: ARAUJO FREITAS & C.—Rio de Janeiro



SEMANARIO DE GRAÇA... POR 200 RS.

Rio, 29 de Agosto de 1917

— ÀS QUARTAS-FEIRAS —

DIRECÇÃO DE D. XIQUOTE

Officinas e Escriptorio (Provisorio)

30, RUA D. MANOEL, 30

CAIXA POSTAL 447

Toda a correspondencia e pedidos de assignatura devem ser dirigidos a LUIZ PASTORINO, director-gerente.

Telephone: Central Quatro - Tres - Dois - Sete

— AVULSO —

ASSIGNATURAS PARA TODO O BRAZIL

Capital 200 rs. - Estados 300 rs.

Anno 10\$000 - Semestre 6\$000

Numeros Atrazados 300 reis

EXPEDIENTE

São nossos agentes no Interior para venda avulsa e assignaturas:

- AMAZONAS — MANAOS — José Martins & Irmão.
 PARA — BELEM — José Martins & Irmão.
 MARANHÃO — S. LUIZ — Philomeno Tavares & Comp.
 " " Ramos d'Almeida & Comp.
 PIAUHY — THEREZINA — A. Carvalho & Comp.
 CEARA — FORTALEZA — Francisco Barboza.
 " " Luiz Severiano Ribeiro.
 RIO GRANDE DO NORTE — NATAL — Fortunato Aranha.
 PARAHYBA — PARAHYBA — F. C. Baptista & Irmão.
 PERNAMBUCO — RECIFE — Sciammarella & Santoro.
 ALAGOAS — MACEIÓ — Ribeiro Granja & Filhos.
 " JARAGUA — L. Lavenère.
 SERGIPE — ARACAJU — José Barreto de Mesquita.
 BAHIA — S. SALVADOR — Almeida & Irmão.
 " BELMONTE — C. Pereira Leite.
 ESPIRITO SANTO — VICTORIA — Paschoal Sciammarella.
 " S. MIGUEL DO VEADO — Luiz de Oliveira.
 ESTADO DO RIO — ENTRE RIOS — Domingos Palmieri.
 " " " PARAHYBA DO SUL — Vicente Bertone.
 " " " BARRA DO PIRAHY — Caruso & Zappa.
 " " " CAMPOS — Vicente Sant'Anna.
 " " " VALENÇA — Senhorita Maria de Lourdes.
 " " " CAMPOS ELYSEOS REZENDE — Silverio Cataldo.
 " " " CABO-FRIO — Aspino da Silva.
 SÃO PAULO — CAPITAL — Antonio De Maria — Rua Boa Vista, 3.
 " " SANTOS — José de Paiva Magalhães. — R. S. Antonio, 3.
 " " TAUBATÉ — Nicoláo Panno
 " " LIMEIRA — José Durse.
 " " LORENA — Luiz Zappa & Irmão.
 PARANA — CURYTIBA — Leopoldino Rocha.
 SANTA CATHARINA — FLORIANOPOLIS — Gil Amadeu Bech.
 RIO GRANDE DO SUL — PORTO-ALEGRE — L. P. Barcellos & Comp.
 " " PELOTAS — Echenique & Comp.
 MINAS — BELLO-HORIZONTE — Giacomo Alluotto & Irmão — R. Bahia, 860.
 " JUIZ DE FÓRA — M. Campos — Rua Halfeld, 793.
 " SÃO PAULO MURIAÉ — Plinio Tavares.
 " CAMBUQUIRA — Francisco Almeida.
 " ESTACÃO DA SOLEDADE — Fernando Canedo.
 " UBA — Dias & Comp.
 " CAXAMBÚ — M. Caminha.
 " SITIO — D. Zulmira Berger
 " AGUAS VIRTUOSAS — Granja & Canedo.
 " LAFAYETTE — Juvenil Meirelles & Filho.
 " S. JOÃO D'EL-REY — Armando B. da Cunha — R. M. Cesar, 16.
 " OURO PRETO — Luiz Fontana — Rua Tiradentes, 2.
 " BARBACENA — Abilio Martins.
 " CATAGUAZES — Fenelon Barbosa.
 " QUELUZ — Juvenil Meirelles & Irmão.
 " PALMYRA — José da Cunha Carvalho.
 " LAVRAS — José Fabrino do Amaral.
 " UBERABA — Carlos Villaça
 MATTO-GROSSO — CORUMBÁ — João Antonio Esteves.

Meio a sério



SIZUDO, imponente, trezandando importancia, o pequenino grande estadista chegou ao seu *bureau*, positivamente um *bureau-ministre*, e redigiu o *ukaze* terrivel:

« Ficam prohibidos de entrar na Alfandega de Pernambuco todos os negociantes do Recife ».

O homensinho sobre quem pesam as mais feias accusações de ter, á custa da fortuna publica, construido a fortuna particular, arroga-se ao direito de, com uma pennada, castigar, de longe, sem o menor exame, todo o alto commercio de uma grande cidade, constituido de cavalheiros que mantêm ha muitas dezenas de annos nome limpo e jámais suspeitado.

Houve irregularidades, roubalheiras, fosse lá o que fosse, na Alfandega de um Estado; havia negociantes nellas envolvidos. Abre-se o inquerito que, como todos os inqueritos no Brazil, nada apura de positivo — que faz o Colbert carbonifero? Castiga o commercio em peso da cidade. Noventa e tres firmas importadoras são, de facto, todo o commercio que no Recife tem negocios com a Alfandega.

O Colbert salgado e costeiro, applicou o processo de julgar que aprendeu nos Jesuitas, quando ainda usava as calças do comprimento das suas idéas de hoje.

Um pequeno pintou na parede do dejectorio a caricatura do padre-prefeito. Quem foi? Quem não foi?

Não se descobre. O proprio menino, futuro *controleur* da navegação, não se acha presente para denunciar um collega qualquer.

O padre-reitor, na impossibilidade de descobrir o culpado, priva de recreio a classe inteira e prohibe a todos a entrada no dejectorio.

Que haviam de fazer os alumnos?

O que o commercio pernambucano está fazendo para o ministro.

Depois dessa ultima *rate* (sem segunda intenção) fiquem de sobreaviso os negociantes do Rio. Tambem pela Alfandega da Capital tem havido irregularidades e desfalques.

Se lhe dá na telha, qualquer destes dias, o grego das ostras prohibe-lhes a entrada naquella repartição e elles não saberão mais como despachar as suas mercancias.

Isso se o cutelo que está na capa não despachal-o para o ostra... cismo, para bem de todos e felicidade geral dos cofres patrios.

João Qualquer.

D. QUIXOTE



Ha nessa cabeça de grego um *quebra-cabeça*... de turco. Onde está o... gato? O leitor que o descobrir ficará sabendo o que é que o Calogeras tem no sotão.

Amabilidades ao Zé Antonio

Os srs. são capazes de dizer que *Dom Quixote* é a peor lingua do Rio. Forte engano, porque *Dom Quixote*, em primeiro lugar, não é lingua: é revista. Mas enfim, lingua ou revista, *Dom Quixote* não é ainda o que ha de peor. Apenas, ha certas coisas que a gente não pôde deixar passar de liso. Haja vista o que tem escripto, durante estas ultimas semanas, o nosso muito querido e pittoresco José Antonio José, falsificação suburbana de Michel Georges Michel do *Gaulois*. Zé Antonio José, que é o nosso delicioso João do Rio, amigo intimo de Enver-Pachá e afilhado de chrisma do Sultão, ultimamente tem dado para ser discipulo de toda a gente.

E' morrer qualquer sujeito illustre e logo vem João do Rio a dizer: «Eu era criança. Porque eu tambem fui criança. E fui discipulo delle. Porque? Porque me levaram. Era confuso. Mas eu ouvia. Ouvia e pasmava. Definitivamente.»

Outro dia morreu Miguel Lemos. A proposito, José Antonio declarou logo que tinha sido discipulo de Miguel e de Raymundo! Sabem que é Raymundo *tout court*? E' o sr. Raymundo Teixeira Mendes. Dias depois, a proposito da *Victoria Aptera*, lá veio Zé Antonio, pelo *Paiz*, a dizer: «Fui discipulo de Morales de los Rios e de Antoine Mounier, no Louvre.» E desenvolveu a série mais impagavel de ingenuidades a respeito de arte hellenica. Este Zé Antonio está positivamente ficando maluco. Está. Positivamente. Sim. Cada inverno traz sua mania. Durante o inverno passado, deu-lhe na telha ser amigo intimo de Enver-Pachá. Este inverno, deu-lhe para ser discipulo de toda a gente. E' inoffensiva essa mania. E'. Mas ninguem acredita que João do Rio tenha sido discipulo de ninguem. João só teve até hoje um professor: o de primeiras letras, que por signal, não era dos melhores. A regular pelo discipulo...

Rolando Furioso.

Academia de Letras — O illustre Helio Lobo, Principe das Aspas e autor do *Elogio de Aspasia*, é candidato á vaga de Souza Bandeira na Academia. S. Ex. já tem prompta parte do elogio que tem de fazer do seu antecessor. Com grande esforço conseguimos obter, por intermedio de Sylvio Romero, parte do discurso de Helio, de que iremos publicando excerptos *au fur et à mesure* que o pudermos.

Por hoje temos o seguinte: «Srs. Academicos — Souza Bandeira aprendeu a ler em Pernambuco. A esse respeito temos a opinião do conselheiro Saraiva, que, escrevendo ao visconde de Cabo Frio, dizia a 4 de Dezembro de 1848: «Exmo. Sr. — Junto a esta encontrará V. Ex. a Carta Regia de Sua Magestade o Imperador, na qual o mesmo Augusto Senhor é servido declarar a V. Ex., para os devidos effeitos, que o menino Souza Bandeira está aprendendo a ler no Recife. Deus Guarde a V. Ex. — J. A. Saraiva».

Já antes, a 25 de Março de 1847, dizia na Camara o visconde de Abaeté, respondendo á Falla do Throno: «E' necessario ensinar a ler ás crianças. Ha mais luz nas vinte e cinco letras do alfabeto do que em todas as estrellas do firmamento. Quereis fechar uma escola? Acotovellae-a com uma cadeia».

Com effeito, Srs. Academicos, os progressos do joven Souza Bandeira foram notaveis. E' o que reconhecia o vis-

conde do Jequitinhonha, quando escrevia ao conselheiro Limpo de Abreu, em data de 8 de Setembro de 1875: «Sr. Ministro — Communico-lhe, para os devidos effeitos, que o joven Souza Bandeira está aprendendo a ler e tem revelado muita aptidão para as letras do alfabeto. Sua Magestade Imperial deseja que todas as crianças do Imperio sigam o exemplo deste menino. Deus Guarde V. Ex. — Visconde do Jequitinhonha».

Confirmando esta opinião, escrevia a 15 de Agosto de 1856, o então ministro de Estrangeiros, barão da Capa Preta, ao nosso enviado em Buenos Ayres, marquez da Negra Mina: «Sr. Ministro — Communico-lhe, para os devidos effeitos, que por enquanto não ha novidade alguma no Imperio. Sua Magestade passa bem, obrigado, e manda lembranças a V. Ex. O joven Souza Bandeira continúa a frequentar assiduamente a escola primaria do Recife. E' desejo de Sua Magestade Imperial que V. Ex. dê muitas lembranças a todo o governo dessa Republica. Deus Guarde V. Ex., Sr. Dr. Manoel José da Silva, barão da Capa Preta, ministro do Brazil em Buenos Ayres. — Marquez da Negra Mina.

(Continúa no proximo numero).

Todos o querem

*O pequeno, o rapazola
Que pelo fumo é tentado,
Estréa, ao sair da Escola
Um cigarro Marca Veado.*

*Este, que anda no Collegio
Vê da mana o namorado
Que lhe dá—presente regio—
Um cigarro—Marca Veado*

*Entrando na Academia
Já fuma o que lhe é do agrado
Não dispensa todo o dia
Seu cigarro Marca Veado.*

*Eil-o agora doulorando
Com seu curso terminado
Entra na vida fumando
Seu cigarro Marca Veado.*

*Seja medico, ou dentista
Engenheiro ou advogado
Negociante ou jornalista,
Quer cigarros Marca Veado.*

*O moço, o velho, em resumo,
Viuvo, solteiro, ou casado
Acham deleite no fumo
Dos cigarros Marca Veado.*

*Estes versos que aqui escrevo
— Modestissimo attestado —
Se estão bem feitos, eu os devo
A um York — Marca Veado.*

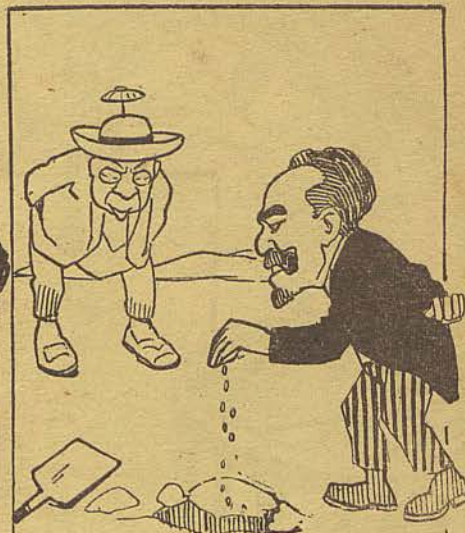
D. QUIXOTE



Assim que o Nilo soube da chegada do cidadão japonês Sr. Saibara para estudar a plantação do arroz no nosso paiz, exultou de contentamento.



Sem mais delongas, e prehenchidas summariamente as viagens ao Dão de Açúcar e Corcovado, o nosso chanceller levou o camarada amarello a visitar os celebres arrozaes de Pendotiba.



E o Nilo explicou: Toma-se delicadamente, com dois dedos, alguns grãos de arroz do meu arrozal e semeam-se... E

O "futuro" de Minas

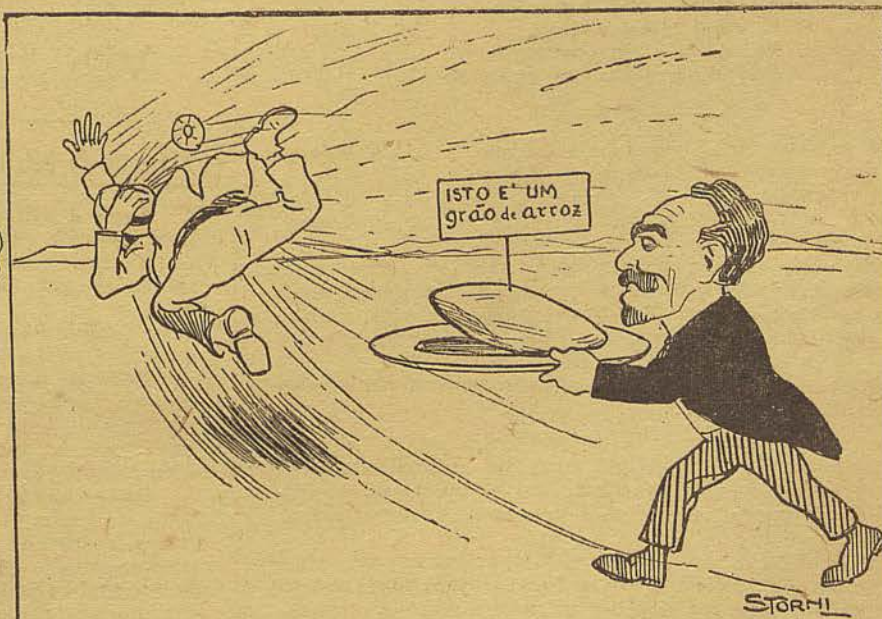
O joven estadista Arthur Bernardes, que aliás é um rapaz muito sympathico, já tem ares presidenciaes. Arthur Bernardes é mineiro. Nasceu em Minas. E' deputado. Foi secretario das Finanças. Antonio Carlos queria a presidencia. Arthur barrou Antonio. Antonio dissimulou a raiva. Agora Arthur é que recebe homenagens. Outro dia Arthur descia a Avenida com Justiniano de Ser-

pa. Justiniano não é romano. E' paraense. Parece bugre mas não é. Parece com o Dom José Carrasco, ministro da Bolivia, mas tambem não é Dom José Carrasco. Justiniano é deputado. E precisa de protecção para ser reeleito. Porque Lauro Sodré não vae muito á missa de Justiniano. Lauro Sodré é maçom. Justiniano, descendo a Avenida com Arthur, estadista de Minas, ia humilde como um sacristão. Arthur fallava. Justiniano ouvia. E via. E concordava. Concordava sempre. Afinal entraram numa

confeitaria. Justiniano cedeu o logar de entrada a Arthur. Arthur não acceitou. E passou a mão nas costas de Justiniano com tal carinho que Justiniano até parecia neto de Arthur. E entraram. Arthur um pouco adiante. Justiniano a cinco palmos de distancia. E não se assentou enquanto Arthur não mandou. Afinal sentaram-se. Então Justiniano olhou triumphalmente para a assistencia, como quem dizia: «Estão vendo? Este bichinho aqui é que é o batuta de Minas — Estou aqui estou reeleito...»



... no dia seguinte, como o Sr. vê, o pé de arroz está deste tamanho.



... No fim do terceiro dia posso apresentar-lhe um grão de arroz deste quilate!
— O Saibara não quiz ouvir mais nada!...



OS SAPATOS — O primeiro povo que calçou sapatos foi o Assyrio. Antes do Assyrio não havia a moda de accomodar

os pés em calçado de couro. E' verdade que o Lyrico é mais antigo do que o Assyrio e que não se entrava no Lyrico descalço. Mas isso é com os historiadores. Elles que descalcem essa bota como puderem. Se algum lhes fizer semelhante objecção, isso ha de ser, para elles, uma pedra no sapato. O que é certo, porém, é que o Pequeno Pollegar já calçava botas de sete leguas, e que só depois disso é que appareceu o «mineiro com botas». O resto são historias — BENEDICTO PROCOPIO BENEDICTO.

POR incommodos de saúde, o illustre dr. Alberto de Queiroz não recebeu, como estava annun-

ciado, no sabbado da semana passada. Por esse motivo, também, o distincto homem de sociedade não pagou a ninguém.

CANÇÃO DA ROSA MURCHA. (Heitor Lima.)

Eu passei por tua casa
E olhei pelo cadeado;
Vi tua mãe no andar terreo
Dando surra em teu cunhado.

EM palestra no Alvear, dizia a Mme. P. L. o elegantissimo dr. Octavio de Souza Leão:

— A vida está difficilissima para os homens de sociedade. Imagine V. Ex. que as despezas ordinarias de um rapaz, hoje, são, por dia, mais ou menos estas: cadeira do Municipal, 20\$; ceia, 1\$500; perfumarias, 5\$; lavadeira, \$200; hotel, (casa e comida), 8\$; automovel, 15\$; despezas com amigos e senhoras conhecidas, 1\$; eventuaes, 500 réis. Emfim, para se viver, são necessarios, no Rio, nada menos de 50\$ diarios.

Madame, compadecida, vasculhou a bolsa a procura de um nickel. E não achou...

O principe de Rolumbrigas, que foi a Buenos Ayres, recebeu dos principes de lá um banquete de solidariedade. Em discurso, um destes trovejou, entusiasmado, mais ou menos isto:

— Eu conheci o pae de Vossa Alteza; era um rei soberbo, um monarcha tolerante, um soberano que honrava a familia européa de que era membro e chefe supremo. O Rolumbrigas quasi quebra a cara do collega.

Mlle. NINICHE receberá, na proxima quarta-feira, as suas amigas, que lhe forem levar felicitações por ter escapado illeza da carrocinha da Prefeitura. Mlle. é primeiro premio da ultima Exposição canina.

NA CAVE!, entre senhoras elegantes: — Aquelle personagem do romance d'ella é o Goulart de Andrade.

— Não pôde ser, menina. Ella diz que a moça passava a mão «pelos sedosos cabellos» d'elle, e o Goulart é caréca desde pequenino. Não te lembras?
A outra não se lembrava...

O Dr. Humberto Gottuzo convidou o Cypriano Lage para ir visitar o seu «consultorio». Sobre a banca de trabalho havia um turbilhão de flores. O elegante galleno fez um ar de enfado, explicando:

— E' sempre isto; antes da minha chegada, passam aqui, todos os dias, essas senhoras de Botafogo, que me entopem a mesa de rosas. E' um trambolho!

Nesse momento vem o porteiro:

— Que é? — pergunta o amigo do dr. Ataulpho.

□ E o creoulo:

— Seu dotô, tá ahí o muleque da xácrá que veio buscar o dinheiro das fulô.

O Dr. Gottuzo só não desmaiou para não desmanchar a pastinha.

Mlle. L. M. S. expoz um *loulou* na Exposição canina. No dia seguinte o cãozinho estava doente. Chamou-se o dr. Oliveira Bastos que, amimando o animalzinho, ordenou-lhe:

— Ponha a lingua p'ra fóra; vamos ver esse estomago. Mlle. ficou vermelha, pegou o *loulou* pelo pescoço, correu para a sala de jantar. A familia interveiu, e ella explicou:

— Não deixo! Elle quer saber o que se come aqui em casa! E, de facto, devido á carestia da vida, o cãozinho havia comido, nesse dia, apenas um pedaço de bacalhau...

VIMOS hontem na cidade, milhares de pessoas que nos eram desconhecidas, e outras conhecidas.

Manual da boa dona de casa

Sopa á hollandeza — Ferve-se uma couve-flor em um litro d'agua e vae-se juntando alho, pimenta da terra, oleo de figado de bacalhau, tripa de abobora, gordura de fiambre, sal de azedas, nozmoscada, cominhos e alfazema, até engrossar. Antes de servir esta sopa ao marido, a dona da casa deve sahir a passeio. Se estiver na mesa; levará, com toda a certeza, com a sopeira pela cabeça

Baba de moça — Toma-se de um palito com um pouco de algodão na ponta, molha-se no oleo de cravo e mette-se no dente cariado de uma moça de 15 a 22 annos. Addicciona-se assucar, que se mistura até começar a juntar mosca. Esse doce é servido em escarradeiras aos gatos e aos poetas.

Salchichas a Kromprinz — Pega-se a manga de um paletot de casimira que não sirva mais, separa-se do resto da roupa, costura-se em uma das pontas, e põe-se dentro, alternativamente, o seguinte: carne fresca, bacalháu, queijo, cebolas inteiras, batata amassada, pedaços de toucinho, cascas de banana, cascas de melão, restos de pão e uma ou duas barras de sabão escuro, partidas em pedaços de uma pollegada. Depois de cheia, amarra-se a outra ponta da manga, e leva-se ao forno, até que se levante um cheiro de lâ queimada. Em seguida passa-se manteiga e atira-se na lata do lixo.

Mme. de La Poule.

D. QUIXOTE

O sonho



Paç... para salvar os vivos.

O PAPA VERDE

— Porque o Teixeira Mendes não quer aceitar o cargo de Papa do positivismo, vago com a morte do Miguel Lemos?

— E' simples; o Teixeira Mendes gosta de brigar, e tem medo que, em uma polemica, o obriguem a propor... a paz!

PAPA, PAPINHA, PAPÃO...

O Dídico estava em um berreiro ensurdecedor. D. Judith, para amedrontal-o, exclama: — Olha o papão!

O pequeno continúa a chorar e a pobre senhora traz um prato fumegante, offerecendo-lhe maternalmente:

— Olha a papinha!

O Dídico não se cala e D. Judith, perdendo a paciencia, berra-lhe furiosa:

— Olha o Papa!

O pequeno... pacificou-se.



O Papa fala aos belligerantes — *Gloria in excelsis Deo! Pax hominibus.*
Tradução do Prof. Mendes de Aguiar:
A glória em excesso deu! Pague-se o minimo!

A paz papal

O Vaticano constitue uma potencia não belligerante e que por ser potencia é o expoente da christandade.

O Vaticano que depois de 1870 não conseguiu mais intervir nos negocios da Italia, continuou, entretanto a intervir nos negocios do resto do mundo.

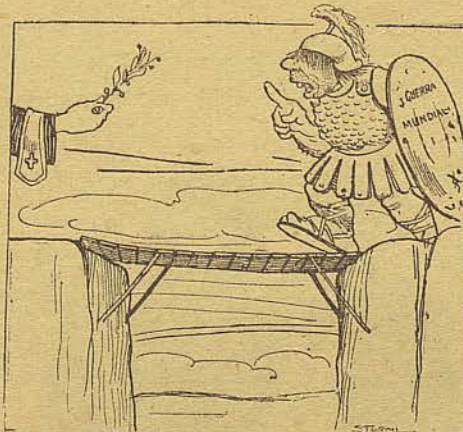
Com a grande guerra o Vaticano deixou-se ficar calado, mudo e só na rocha de granito da fé catholica.

O Papa Bento, que ao que consta é mais Pio que o seu antecessor, absorvido com as coisas do céu, nunca se quiz intrometter com as da terra e, durante tres annos não deu um ar de sua graça, que é, afinal de contas, a graça divina.

Agora surge elle inexperadamente com o ramo de oliveira

Para os crentes chegou a hora da terminação da guerra; o Papa não fala sinão inspirado pelo Espirito Santo que as Escripturas representam por uma pomba. No actual caso a Pomba da Terceira Pessoa incarnou-se na pomba branca da paz.

E', pois, artigo de fé que a guerra vae acabar; e, se tal não acontecer, é que os tratados do céu com a terra e particularmente da Trindade Santissima com o Santissimo Pádre tiveram o mesmo destino que os tratados que a Allemanha assignou.



A pinguella é perigosa; se consigo chegar do outro lado sou papado.

PA'S...

O Medeiros e Albuquerque escreveu ha dias um artigo para a *Noite*, tratando da Paz, e intitulou — *Pás*, á maneira da Academia.

O director da folha, vendo o titulo, gritou ao secretario:

— Supprima!

— Porque? — indaga o secretario.

— Não está vendo: — *pás*... Isso é cavação!

O PAPA-VENTO

O Papa Bento XV ficou *rempli de soi méme* ao saber que lhe cabia a missão de promover a Paz na Europa. Quando a noticia chegou ao Rio, o Alexandre Albuquerque olhou o retrato de Sua Santidade, viu que parecia com um cama-leão, e gritou, num trocadilho horrendo:

— Viva o Papa-Vento!...

A realidade



Pás... para enterrar os mortos.

SEM PAPAS NA LINGUA

Em um grupo de papudos de que fazem parte o Emilio de Menezes e o senador Lopes Gonçalves, fala-se das propostas de paz feitas pelo Papa.

— Em que lingua o Papa fez essas propostas? — perguntaram.

— Em italiano, está claro.

— E, porque não ein francez? O francez é universal...

E o Emilio:

— E', mas os francezes não têm Papas na lingua...

O grupo, espavorido, debandou.

A GUERRA EM LA PAZ

De um aguerrido telegramma da Bolivia, no pacifico *Jornal do Comercio*:

«LA PAZ, 20 -- Volta-se a falar em uma guerra com o Perú.»

Conheceu, papudo?



O KAISER — Mandei o côrvo e elle não voltou; mandei a pomba e ella ficou por lá... mando agora o morcego que é mamifero como eu...



CULTURA DE BATATAS

A *Epoca* publicou uma carta do poeta Carlos Maul em que este elogia vivamente o seu collega Lindolpho Xavier. Entre os versos do honrado vate do ministerio da Viação, o autor do elogio destaca os seguintes:

“Os galhos altos
Tremem,
São lindas aves,
Vôam...
Por sob as copas
Verdes
Tocam-se os bicos,
Amam...”

A poesia que assim começa vae por ahi abaixo, e tem trez metros de comprimento sobre dois centímetros de largura. Para lançal-a ao mundo, o poeta Xavier teve de recorrer ao purgante de carço de abobora, que é, como se sabe, o unico remedio infallivel nessas cousas de expellir solitaria.

O poeta Cavaco, do Rio Grande do Sul, veiu agora ao Rio e fundou um semanario intitulado *O Echo Americano*. Logo no primeiro numero, ao abrir o *Eco*, apparece aos olhos do leitor esta informação sensacional:

“Calculou-se que em 1215 eram publicados na Hespanha 1.400 jornaes e revistas, na Russia 1.700; na Belgica 2.000; na Italia 3.900; na Inglaterra 4.300; na França 9.000.”

Imagine-se agora se a imprensa já existisse em 1215! Quantos jornaes haveria? Guttemberg, a estas horas, deve estar dando o cavaco!...

O ex-intendente Leite Ribeiro, hoje dono de livraria, está annunciando na capa dos volumes que edita as nove obras litterarias sahidadas da sua casa. Nessa meia pagina de annuncio littero-commercial, encontram-se as seguintes expressões: «laureado poeta», «saudosos humorista», «eminente escriptor», «esplendido retrato», «bellissima capa», «distincto artista», «notavel poeta», «brilhante e festejado escriptor», «real e primoroso monumento» «aplaudido

poeta», «soberbos trabalhos», «notavel cultor», «eminente prosador», «delicada e apreciada escriptora», «saudosos pae» «grande poeta», «finissimo litterato», «inexcedivel espirito», «esplendida capa», «habil caricaturista», «interessante trabalho», «primoroso fundo», «primorosa forma», «eminente prosador» «faiscante vate» e «salutar historia».

O coronel Leite Ribeiro, imitando o *D. Quixote*, que está valorizando o espirito á razão de 3\$000 por pilheria, resolveu valorizar o adjectivo, comprando-o a 1\$000 o milheiro. Os brilhantes e infatigaveis neo-adjectivistas da nossa esplendida e carissima livraria devem procurar o imponente e bravissimo coronel Leite Ribeiro na sua tonitoante e popularissima livraria. Paga-se muitissimo bem. Bravissimo!...

Trocadilho que o garoto não explicou



—E' um bello film da Hesperia, mas a sessão só começa d'aqui a meia hora.
—Espere-a quem quizer, eu não espero.

A *Platéa*, de S. Paulo, commentando uma «batata portugueza» do discurso do Sr. Lauro Muller, na Academia Brasileira de Letras, pergunta:

—Onde estava o philologo Sr. João Ribeiro, que não deu or-

dem de prisão ao novo academico?»

A *Platéa* não anda bem informada. O Sr. João Ribeiro não podia prender o Sr. Lauro Muller por estar preso, na occasião, á ordem do Sr. Solidonio Leite.

O poeta mineiro Mendes de Oliveira enviou ao *Jornal do Commercio*, da tarde, um soneto, que faz parte da collecção em que o vate official de Bello Horizonte celebra as parasitas de Minas. Intitula-se *Lelia tenebrosa*, e o *Jornal* diz que é o ultimo da série. Mas é engano, ou antes, é um recurso da folha, para ver se o poeta não manda outro. Depois desses ha dois: um em que o poeta canta o chronista carioca João do Rio, que se agarrou á aroeira do secretario Theodomiro, e outro em que falla da sua propria pessoa. Este é o seguinte:

«OLIVEIRA PAULIFICANTE

Em cima de um sofá, debaixo de uma meza,
—Tauriforme visão da selva bigoduda—
Encontrei a dormir—lagartixa papuda—
Esta flor official—caspa da Natureza.

Perto d'ella, a gemer, não se fala em pobreza.
Soccorre com prazer a quebradeira aguda
Desde que alguém lhe diga uma frase graúda
Pelas vezes que aggride a lingua portugueza.

E' o genio tutelar da montanha alterosa,
Misturá no Parnaso, onde, ó Apollo, te inclinas
O verso de acapú com pedaços de prosa.

A Musa, quando a vê, tem frases cabotinas;
Que é devéras «cacête» a *Olivéria*, famosa
—Parasita immortal do Thesouro de Minas!»

Ha de entre as flores quem prefira a rosa,
Outro prefere a timida violeta;
Ha quem mais ame o verso, outros a prosa,
Quem goste da tragedia ou da opereta.

Em materia de côr estima goza
Cada côr, cada nuança de palheta.
E em genero mulher? Ha quem formosa
Ache a loira, a morena, ou mesmo a preta.

Questão de gosto. Se este aqui deseja
Para esposa a mulher magrinha e esgalga,
Aquelle quer volume... que se veja.

Este, a comida adoça; aquelle a salga;
Mas em materia de escolher cerveja,
Todos pedem, unanimes, — FIDALGA.

D. QUIXOTE

Perfis e trocadilhos burocraticos

(Ministerio da Fazenda)

E' de vel-o todas as tardes, ao deixar o Tribunal de Contas, partir acceleradamente, rumo á Paschoal, por onde embarafusta, arisco e desconfiado.

Pede vistas de um *White Label*, que ingere nervosamente, para abandonar o local numa rajada.

Em seguida, impellindo ao alto da *cuia* o seu deselegante chapéo de côco, abre nove pontos em direcção á Colombo, num passo picado de *John Walker*.

E' nesses momentos que arasta dolorosamente o seu fraque, cujas abas minusculas parecem protestar, em movimentos desordenados, contra aquella velocidade de motor a alcool.

Essa peça do seu vestuario forma sempre boa parilha com as suas calças de tons sisudos: preto e branco.

Black and white são realmente as suas côres predilectas, e d'ahi o facto de muita gente o incluir no Club dos Democraticos, quando elle prefere mil vezes o *Canadian Club*.

Se alguém lhe pede apressar o andamento de um processo, é certo que se contraria e procura fazer obstrucção. Algumas vezes dá o desespero; mas, embora

Reflexões de um carioca



— *Bailado russo! Vocês com a sua dança das pernas vão bem de estomago mas, eu, com a minha dança do ventre, não vou lá das pernas.*

montado num porco, exige um cavallo branco.

Enxerga em tudo uma roubalheira, e com relação á honestidade, tem-n'a como um objecto precioso e raro, que adquiriu e guarda com os zelos precavidos de um antiquario.

Possue talento e cultura.

Dizem que escreveu um *Codigo das Aguas* terrivelmente *pão*. E' por isso, talvez, que lhe chamam—*pão d'agua*.

Candidatos apteros

O concurso da Escola de Bellas Artes foi annullado. Foi-se por agua a baixo todo o trabalho monumental de Flexa Ribeiro — o unico candidato que revelou qualidades dignas de serem premiadas com uma cadeira na Escola.

O Ministro da Justiça annullou o concurso porque a Congregação fez um programma absurdo. De sorte que esse concurso provou apenas a competencia de um candidato e a inepeia da Congregação da Escola. A Congregação mandou os rapazes escrever sobre *Minerva Aptera*. Ora, segundo dizem, não existe *Minerva Aptera*. E' pelo menos a opinião de Paulo Barretto e Euripedes Mattos.

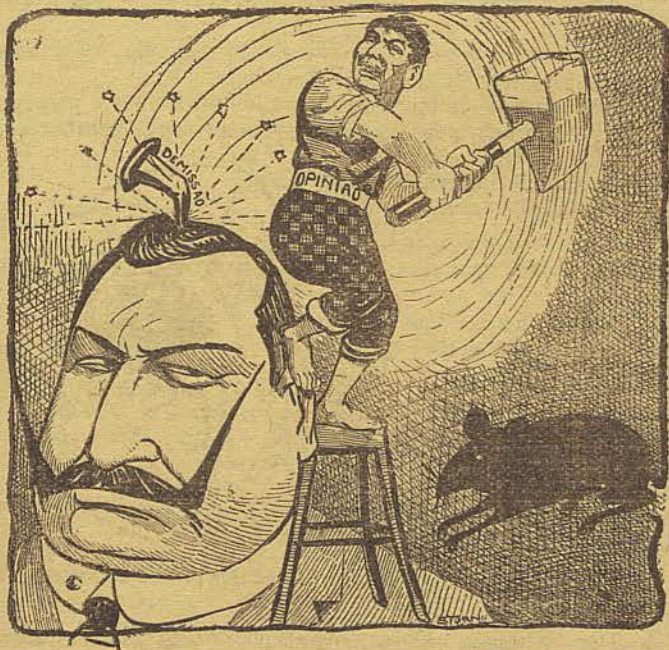
Emfim, por causa da *Minerva Aptera* o ministro Maximiano aparou as azas aos candidatos, isto é, tornou-os apteros, até segundo concurso. O unico que não ficou de todo aptero foi o sr. Basilio de Magalhães, que, protegido pelo aspasiano sr. Helió Lobo, tratou de garantir-se com uma interinidade preciosa, na qual continúa, apesar de ter sido clasificado em 2.º lugar no concurso...

* * *

A proposito desse concurso ouvi, outro dia uma discussão curiosa. A Congregação incluiu no programma este capitulo: «O maracá como traço de união entre os povos americanos!» Isto não lembrava nem ao coronel Rondon. Numa roda de que eu fazia parte, Heitor Malagutti provava que o maracá (que aliás é um chiquichique muito ordinario) não podia ser traço de união entre povos de especie alguma.

— Perfeitamente, aparteou Arthur Bomilcar, o maracá não vale nada. Na America do Sul o traço de união entre os povos é o birimbau!

Ora ahí está o que se devia ter dicto publicamente aos professores da Escola de Bellas Artes. Conselho para os candidatos que se apresentarem no proximo concurso: levem na algibeira um birimbau. Si fallarem em Maracá, tirem o birimbau, colloquem-no entre os dentes e toquem em côro, para a Congregação ouvir: *Piomon! Piomon! Piôio! Piôio!* Ella não merece outra musica...



Arre, que cara-dura!...

Brecabref e Levantapó

na Barataria

por Jantok



Acabava de bater as 8 horas da manhã, menos nos relógios recolhidos aos pregos. Céu de mau humor, carregado de nuvens esfarrapadas.

Brecabref e Levantapó, erguendo-se da mesma cama imaginária, bateram os côcos num mutuo cumprimento de companheiros naquella bruta besta, que é a miséria.

— Bom dia, Brecabref!

— P'ro diabo, Levantapó!

E tornaram a se deitar de costas viradas, como de costume.



São agora 11 horas da manhã. Chovisou de má vontade das 8 em diante, mas os dois foragidos da sorte, amontoados num só fardo informe de farrapos e pouca carne, deixaram-se molhar até os miolos.

— Bom dia, Brecabref.

— Idem, idem, Levantapó.

Ambos agora estão sentados, um a catar-se e outro a lavar-se, *toilette* própria aos hospedes do Jardim Zoologico.

— Imaginas que eu sonhei que...

— ... que estavas comendo?

— Nem as unhas. Sonhei que me achava numa ilha.

— Já sei, a Sapucaia.

— Deixa de brincadeiras, Brecabreffff...

Quando Levantapó se zangava, dava para ajuntar uns tantos ff ao nome do companheiro.

— Sonhei que tinha sido torpedeado, que tinha vindo depois esborrachar os costados na ilha da Barataria.

— Talvez por ter engulido alguma barata. E' o caso de parabens; eu, nem isso — Conta-me lá essa historia; que é que viste na Pirataria?

— Bara-ta-ria — faça favor — Além disso, não é meu habito ser entrevistado.

— Si começamos por desprender faiscas, acabaremos por quebrar as nossas relações pneumáticas.

— Nunca sonhei com tantas maravilhas, como as que vi na ilha da Barataria.

— Como conseguiste sonhar com coisas tão maravilhosas? Estás com o nariz entupido.

— Hom'essa, como havia de o conseguir? Tomei uma carraspana um ponto acima das outras.

— De facto, o meio não é para desprezar. E si nós tomássemos outra um ponto mais alto!

— Apoiado, Brecabref, um pingo aqui, um respingo acolá, um paraty, outro para mim, e quando chegar á tarde e o sol fizer cambalhota atraz dos morros, nós estaremos já pisando a ilha da Barataria. Que tal?

Levantapó, por toda a resposta, despediu um cachação nas bochechas de Brecabref, que muito calmamente resmungou:

— Prefiro uma cachaça.

De mãos dadas nos copos, *calis et similia*, Brecabref e Levantapó foram assignando o ponto em todas as repartições alcoolicas da capital, suburbios e beccos adjacentes, até esgottarem o expediente.

Depois desta *tourné*, a Terra continuou a rodar.

... Brecabref e Levantapó acham-se navegando na zona bloqueada — (Agencia Xuvas).

O dia estava claro e quente como caldo de feijão; o mar fervia e o peixame, para escapar de um cozimento, saltava para se refugiar nas arvores dos navios, prestes a darem fructos.

Um destes navios, que se dirigia a Pavio, tendo avistado um submarino a piruetar como barata tonta, quiz escafeder-se com toda a força dos seus seis mil cavallos-vapor, mas estes, assustados, não obedeceram aos freios, e o navio teve que parar naquellas paragens.

O sumarino franziu o periscopio e escreveu o endereço nos torpedos.

O primeiro torpedo, perdendo os olhos pelo caminho, passou pela frente do navio sem vel-o e sem vela.

O segundo veio ás tontas, cabeceando de somno e passou a dois millímetros da popa, poupando-lhe grandes dissabores, indo poucos metros mais adiante virar de barriga pr'o ar, fingindo de defunto.

O terceiro torpedo, mais sabedor da lição, veio dar a trombada fatal no navio, o qual continuou a navegar pelos ares, mas por secções.

Entre os diversos objectos sagrados e profanos, homogeneos e heterogeneos atirados ao mar, havia dois classificados no genero humano, vulgo Brecabref e Levantapó.

— Raios o partam! berrou Brecabref engulindo metade do oceano

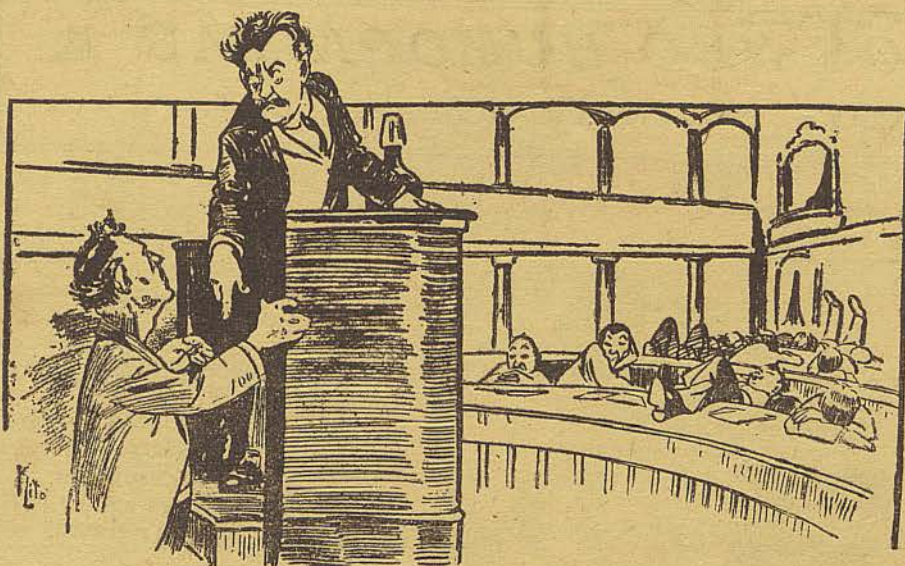
— Com a breca! disse Levantapó, engulindo a outra metade... verifique se fomos a pique.



(Continúa)

D. QUIXOTE

NA DEIXA



— O orador (com emphase e partidotismo): Propugno portanto pela desgazophilisação e permanencia estatica do nosso paredro e sou pela sua reeleição, porque elle é republicano historico e filiado á nossa avalanche...

Eu, na qualidade de deputado, como a minha dignidade...

— O Povo: — Dr. a carne subiu.

— O orador (sem interrupção): Desça!...

Cartas ao Belmiro

Meu amigo.

Estava eu hontem em um dos refugios da praia de Botafogo, quando passou o enterro do velho commendador Serapião. Cousa curiosa a passagem de um enterro. Que estudo completo de physionomias se vae fazendo a cada carro que desfila, caminho do cemiterio, levando em seu bojo aquelles que lá vão por devoção ou simplesmente por obrigação.

Analysemos o prestito.

Carro funebre, com tantas corôas quantos favores ou beneficios prestou o finado em vida, á razão de um favor por corôa.

Em seguida o acompanhamento.

Primeiro carro-tristissimo. E' o carro dos inconsolaveis, filhos amantissimos de um pae extremosissimo. Lucto hermeticamente fechado, lenço sempre aos olhos. O excesso de lagrimas começa a borrifar a sobre-casaca verde do cocheiro.

Segundo carro-muito triste. Parentes proximos do illustre extincto. Grande austeridade no trajar. Lenços relativamente humidos.

Terceiro carro-triste. Parentes afastados. Grande compostura na vestimenta e a compuncção necessaria a quem tem alguma cousa a herdar.

Quarto carro. Começa o desmornar do sentimento. Amigos e visinhos, indifferentes ao morto. Méro dever de cortezia. Era um excellente camarada e não tinha cães que ladrassem fóra de horas. A's vezes, um sorriso discreto vem quebrar a severidade do acto.

Do quinto carro para traz, meu amigo, é um verdadeiro descabro. Ri-se, fuma-se, contam-se casos escabrosos, fala-se de mulheres, de theatro, de mil fu-

tilidades divertidas e combina-se um passeio para a volta, no mesmo automovel, para completar a hora.

Emfim, no ultimo carro, avistei um burguez obeso, a ressonar como um lorpa. E sobre tudo isso, meu amigo, como uma vasta aza espalmada, a eterna hypocrisia das convenções sociaes.

Ao cemiterio, na mesma ordem de parentesco e indiferença, cahirão sobre as taboas do caixão, com seu ruido sinistro, as pás de cal da pragmatica. E é assim que se acaba uma vida, como apothese final de uma grande pantomima.

A proposito, Belmiro, repara que ninguem se conforma com a morte, tão natural quanto a vida. Eu não me conformo, tu não te conformas, ninguem se conforma com a idéa da ultima morada, que é, afinal, uma habitação de grande suavidade e calma. Pelo nosso gosto, teriamos uma parentela immensa de macrobios. Mathusalém seria nosso primo-irmão, sisudo e grave. Si um dia me visses á rua, encasacado e chibante, e me indagasses do rumo, dir-te-ia:

“Vou ao casamento de minha irmã Quinota com o Meirelles. Bello par, mas casam-se muito cedo. Calcula que elle ainda não fez cento e oitenta”. Outra vez seria eu o curioso:

“D'onde vens?”

“Ah! Fui levar o meu caçula ao collegio. Está com cincoenta annos e ainda não conhece o alfabeto.”

Adeante encontraríamos o Guedes, que diria, a suar:

“Uff! Finalmente completo hoje a minha maioridade! Vou ver-me livre das rabugices do “velho”. (O Guedes fazia então quatrocentos annos).

Seria assim, meu amigo, o nosso ideal de longevidade.

E não faltaria quem dissesse, porque a humanidade é sempre a mesma

incontentavel: — “Ora! Aproveitemos o nosso tempo. A vida é tão curta!”

Realmente, eu sinto immenso contrariar o Eça, mas este mundo nunca estará superiormente organizado.

Grato a ti, receptaculo paciente das minhas semporias, grato ao velho Serapião, assumpto posthumo d'esta banalissima missiva,

teu do coração

Rigoletto.

O MEU PRIMEIRO AMOR

(Para o Aristoteles Couto)

Foi um dia... Aquelles olhos
Brilharam com tanto ardôr,
Que tropecei nos escolhos
Das imprudencias do amor!

E chovia... dando abrigo
A' dona de taes agrados,
Fil-a fugir do perigo
Dos temiveis resfriados.

Depois... juras e promessas
Por entre phrases banaes;
Não te esqueço... não me esqueças
E outras tolices que taes.

Fui feliz!... o Paraizo,
Por certo tinha encontrado,
Se não me faltasse o sizo
Preciso num namorado.

Foi o vil nectar da uva,
Que o meu idyllio acabou!
A noiva viu-me na chuva,
Desde então, não mais m'olhou.

Mas tal Destino accéitei
Sem espanto. Já previa,
Que, se á chuva a conquistei,
Só na chuva a perderia...

Mascarado (Néo).

AO CANTO DO SALÃO



— Quando as mulheres conquistarem os seus direitos, darão aos homens os maiores exemplos de patriotismo...

— Maiores que hoje?...

D. QUIXOTE

PÁGINA DOS NÉO-HUMORISTAS

D. QUIXOTE valorisa o bom humor

*Não se suicide antes de
fallar ao Sr. Valverde (Papelaria).
Rua... N.º... (Anuncio dos Jornaes).*

Facas de ponta,
Finas e afiadas;
Balas sem conta,
Das nickeladas;
Cordas e laços,
Para enforçar;
Drogas, em maços,
P'ra nos matar;
Prôas de barca,
Beijos de sogra,
Armas de marca,
Tudo que logra
Vidas cortar
Vae num chinello
Ora ficar...
Pois «seu» Valverde,
Num gesto bello,
Quer confortar
Quem já se perde
Nas conjecturas
D'um meio achar
Para torturas
Taes acabar...

Quando a pequena da esquina
No «coiô» amarra a lata,
Este, em vez de strychnina,
Que muita gente inda mata,
Pede alli tinta e papel,
E com toda cara dura
Troca as taes phrazes de mel
Por feroz descompostura.

Quem tem letras no protesto,
Com ameaça de fallencia,
Em armas não pega lesto,
Nem se mata por decencia;
Vae á tal papelaria
Munir-se de promissorias,
Que enche com grande alegria,
Pondo fim ás «taes historias»

A moça, que por accaso,
Noivo, afinal, encontrou,
Mas (isto não vem ao caso)
Logo depois disparou,
Já não pensa em se matar,
Pois o «Val» é refrigerio,
«Verde» esperança a fechar
As portas do Necroterio.

O Governo ha de lhe dar
Por tanta benemerencia
Um «diploma» p'ra embrulhar
O pessoal da Assistencia;
E o prefeito que é ladino
E cuja vrtude eu prego,
Vae empenhal-a (que tino!)
Em qualquer casa de prego...

Tal is Man (NEO).

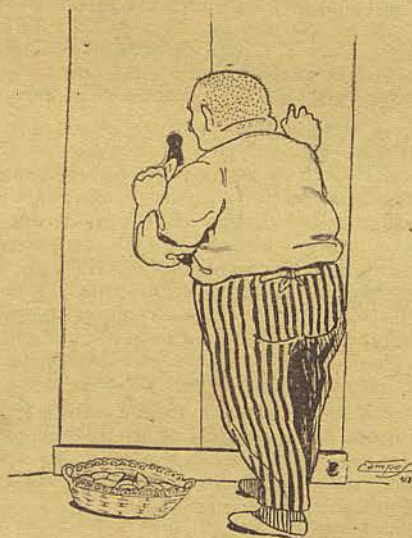
NÃO PODE !...

(A proposito das pirraças do Sr. Manoel Pinto, com a A. B. P. sobre a raça das suas gallinhas de raça).

Acho assumpto corriqueiro
Essas questões de gallinhas!
E' coiza das mais damninhas
Trazer fóra do terreiro
As brigas do gallineiro.
Mas em favor da razão
Aproveito a occasião
Para dar meu parecer;
Vindo mesmo combatêr
Em prol da Associação!

Toda a verdade se traça
N'uma pergunta a fazer:
Como pode um pinto têr
Bôas gallinhas de raça?
A luz, no caso se faça
E veja-se a transgressão,
Que grave em prol da razão,
Nestes conceitos succintos:
Qualquer gallinha tem pintos,
Mas pinto, gallinhas, não!

Mascarado. (NEO)



*São trinta grammas de farinha pura
Pesando cinco:
Não entra o raio pela fechadura
Que ella é de trinco.*

— Uma barba rapida e bem feita
é um paradoxo.

— E' um paradoxo para quem
não é freguez do SALÃO BINOCULO.

Alli, a perfeição e a rapidez são
qualidades que andam juntas. — Uru-
guayana, canto de Ouvidor.

*Os directores do Lloyd Bra-
sileiro elaboraram uma lista com
os novos nomes dos navios ex-
allemeães, entre os quaes está o
navio denominado Pontos que,
segundo essa lista, passará a
chamar-se Pelotas.*

(Dos jornaes.)

Quando eu jogava pelota
E ao meu parceiro ganhava,
Dos pontos tomava nota,
Ponto por ponto eu marcava.

Creio pois que os directores
Do Lloyd, ficaram tontos
Pois estes doutos senhores
Fazem Pelotas de Pontos!

Lizar. (NEO)

TROCADILHO ANTECIPADO

Alguns dias antes do novo julga-
mento de Manso de Paiva, um dos cine-
mas do Rio anunciará: «tiraremos um
film das sessões do Jury.»

Diante do cartaz, o Raul, curiosa-
mente, perguntará: *Para levar isto, de-
moraes?*

Gyp. (NEO)

Hontem vi dois namorados,
Que cousas de divertir...
Tão tolos... tão enlevados...
Deu-me vontade de rir...

Que meninice de assumptos!
E puz-me a pensar então,
Quando nós estamos juntos,
Os outros que não dirão?

F. T. D. (NEO)

RIMA PANDORICA

«Como tudo que existe cabe em rima...»

(E. M.)

Mas este Emilio é um bichão!
E' cabra firme e seguro!
Tirou-me de forte apuro,
De grande atrapalhação!

Eis paiol para as batatas
Que eu não sabia onde pôr!...
E', com rima e sem favor,
Construção das mais baratas!...

Não zangue Emilio e, por fim,
Não venha dizer que sabe
Que na rima tambem cabe
Alguma albarda p'ra mim...

Bacoge. (NEO)

D. QUIXOTE

O perigo do trocadilho



... E o garoto explicou:
Foi um telegramma de Londres que disse que a Alemanha, depois de ver o russo ia ver o china secco...

Impressões do "Salon"

--- 1917 ---



RECHO de uma carta encontrada no «Salon» junto ao «Iokannan» e dirigida não sabemos a quem.

«Sou a mulher que n'um dia de grande «farrá» pediu a cabeça do Baptista assim como quem pede um copo com água...

Na occasião o facto não teve importancia.

Hoje, porém, é que estou soffrendo as suas consequencias.

Um escultor tem barro de mais? Arrasta do seu socego a Salomé... com a cabeça do Baptista.

Querem criticar os chapéus da moda?

Recorrem á Salomé... com a cabeça do Baptista.

Algun pintor quer matar o tempo? Lá vem a Salomé... com a cabeça do Baptista.

Querem dizer que a cabeça que aqui me acompanha é a «mysteriosa».

Mas não é, não. O Bruno ainda não entrou naquella casa da Avenida.

A cabeça é a do Baptista. Este é que era um pouco parecido com Tiradentes. Ou vice-versa.

Eu é que não posso mais supportar esta amolação.

Vou protestar. Fallarei á mamã ou ao Herodes e, se nenhum delles providenciar, requeiro um «habeas-corpus» para mim e para a cabeça do Baptista.

E' impossivel...

E' quasi certa a compra da «Phantasmagoria», o bello quadro de Helios Seelinger, pelo Centro Espirita Redemptor que pretende adquiril-o para uma das suas salas de sessões...

O deputado Mauricio de Lacerda vae adquirir o «Pau d'Agua», do pintor Migueis para provar da tribuna da Camara a falta de policiamento na nossa cidade.

Alguem pode julgar que aquella creança que o escultor Casemiro Corrêa mandou para o «Salon» veio do Ceará ou da Allemanha.

Tal não aconteceu, porém; o pequeno é carioca mesmo...

— Esse Agenor Barros é premiado?

— E'. Tem innumeradas medallas... do Tiro 7.

Gaspar Magalhães tem, no «Salon», um grande quadro — «A Carta do Filho.»

Com esse trabalho o joven artista conquistará ainda mais a admiração... paterna.



JOÃO do Rio fez um bruto elogio a «Alma Torturada»

do Modestino Kanto.

Acautele-se, no entanto, o joven escultor.

João do Rio pode por maldade apresental-o candidato á Academia de Letras como expoente maximo, etc. etc...

O Bruno entusiasmado

Ante a sua Salomé:

— Inda hei de voltar á Europa, Nem que tenha de ir a pé...

EPITAPHIO

Baixando ao lar derradeiro Coberto de sempre-vivas Dirá o J. Cordeiro — Que côres decorativas!

— Aquelle retrato do Bicho não é do Comendador Casemiro Costa.

— E muito menos a «mãosinha...»



Terra de Senna.

O que a vida dirige é a cega Sorte; Ella opulento ou pobre é que nos faz. Ella é que nos aponta o sul e o norte O bem, a gloria, o amor, a guerra e a paz.

Mas resiste ao Destino, homem que és forte E de vencel-o sente-te capaz! Pra ti que uma derrota em nada importe; Luta e amanhã venturas mil terás.

Queres fortuna, tenta a loteria! Torce do Acaso as rigorosas leis! Hoje será — quem sabe? — o teu bom dia.

Mas procura da sorte os grandes reis: Fernandes et coetera Companhia, — Ouvidor—(toma nota!) Cento e seis.

D. QUIXOTE

Epopéa da Vida

Hermes Fontes tem nas montras o seu novo livro *Epopeia da Vida — Cyclo das lutas do Homem*. É um livro magnífico.

A *Intelligencia* e a *Ambição* preparam o homem para a luta que vai travar contra a Natureza. Vêm as primeiras refréguas — *Argonautas*, *Resurreição de Icaro* — synthetizam as victórias iniciaes.

A primeira é a conquista do Mar pela navegação —

« *Navegar, commerciar o Pensamento, Oppor azas de panno á aza do Vento...* »

Icaro ressuscitado triumpha na Aero-nave e o Sol que lhe derretera as azas,

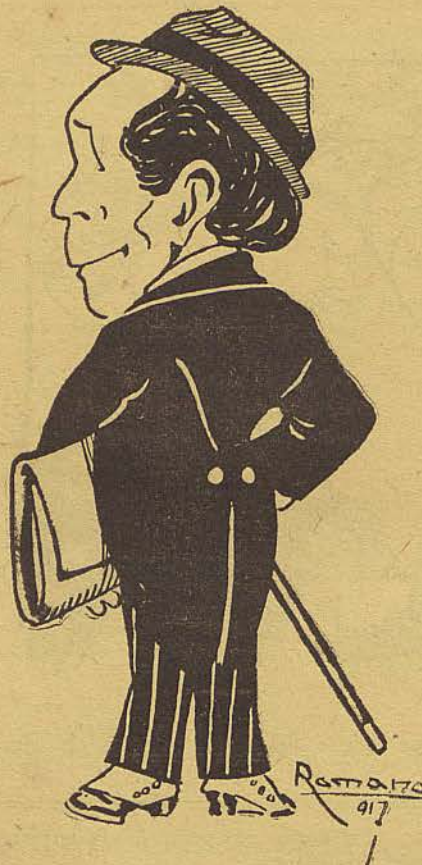
Agora, o proprio Sol, na Realidade Daquelle desafio vingador, Glorifica e eterniza a ephemera vaidade Do Primeiro voador.

O trabalho humano destroe a flores-ta e sobre as suas ruinas edifica a cidade...

Floresta de ambição e malvadez.

A *Torre de Babel*, a *Queda dos Titans* — symbolizam combates dos homens contra os deuses.

A *escalada do Olympo* é a *Epopeia Suprema* Vossa queda — tragedia inaugural da *Historia*,
Inda espalha na Terra o eco da *Insurreição*.



Vêm as lutas incruentas e o homem constroe a *Escola*, a *Forja*, o *Museu*, o *Cemiterio...*

Nas *Lutas Interiores*, canta o poeta o *Desdem*, a *Inveja*, o *Desejo*, o *Homicidio*, este ultimo uma bellissima poesia, forte e sincera que termina por este apello aos assassinos e heroes:

*Por mais nobre que seja a galhardia
Com que matares, por melhor brasão
Com que a cegueira humana te sorria,
Ai de ti! a Razão*

Põe de luto a tua alma nesse dia...

*Melhor seria
Teres ferido o proprio coração!*

A *Fome*, a *Peste*, a *Guerra* são o Cyclo das *Lutas Malditas* a que se seguem as *Trégoas*: o *Lar* e a *Poesia* — *Arca Eterna* e *Ultimas Rimas*.

A *Epopeia do Fim* fecha o lindo pequeno poema: o Homem desilludido, titere da *Esperança*, encontra na *Dor* a verdade inteira da *Vida*!

Antes, a Dôr; durante, a Dôr; depois, a Dôr!

Discordamos das conclusões do poeta; achamos que depois de tantas lutas, o homem não tem outra coisa a fazer sinão sorrir; se victorioso, sorria da vida que conseguiu lindamente embrulhar; se vencido, ria da figura que fez...

Epopeia da Vida é mais um bello reflexo na cartola de Hermes Fontes; a sua leitura é igualmente aconselhavel aos leitores da *Imitação de Christo* e do *D. Quixote*, aqui presente.

A "commoção" de Helena

Por Mieromegas

O Castro, primo de Helena,
Que mora em Copacabana,
Sahiu, de alma toda ufana,
A passeiar com a pequena.

Aos ronos da maré cheia
Vão em busca de um remanso,
E sentam, para um descanso,
Num claro monte de areia.

Era de noite. A onda uivava
Trazendo bolhas por cima.
E o Castro, junto da prima,
Commovido, segredava:

«Não é de hoje que eu te estimo.
«Desde os seis annos, pequeno,
«Que ólho teu rosto moreno
«Sem ser com olhos de primo.

«Na fazenda, quando crianças,
«Era com susto, com medo,
«Que eu beijava, no brinquedo,
«A sêda das tuas tranças...»

E enquanto a fragil cambraia
Da espuma, perto, fervia,
Helena, muda, mordida
Uma alva concha da praia...

«Não te recordas de um beijo
«Que um dia te tei no rosto?
«Ainda hoje lhe sinto o gosto
«Para aguçar meu desejo!

«Vês o mar sobre os escolhos?
«Pois, ólha: desde menino,
«Eu sinto que o meu destino
«Tem seu rochedo em teus olhos.»

Fallava o Castro, ou gemia,
Emtanto, em silencio, Helena,
Olhos na areia, a pequena
Concha da praia mordida...

«Sê commigo menos dura,
«Menos ingrata; este affecto,
«De tanto fogo repleto,
«Não é paixão—é loucura!

«Concorda em ser minha esposa,
«Minha grande e eterna amiga;
«É uma ambição tão antiga
«Que não me occupa outra cousa.

«Por todo o agreste caminho
«Que hei trilhado, e que acho immenso
«É só num premio que eu penso,
«E esse premio—é teu carinho!»

E enquanto, ao luar que desmaia,
Do Castro o amor explodia,
Helena, muda, mordida
A humilde concha da praia...

«Pelo clarão desta lua,
«Dize, dize que me estimas,
«Tu, a mais doce das primas,
«Dize-me, em febre: «Sou tua!»

«Mas... que tens? Acaso é tanta
«A paixão que tens no seio.
«Que te corta pelo meio
«As palavras na garganta?

«Tua emoção é tamanha,
«Tão terrivel e tão dura,
«Que o rosto te transfigura
«De maneira tão extranha?

«Ai, Helena da minh'alma!
«Como eu te fiz soffrer tanto!
«Enxuga, por Deus, o teu pranto,
«Tem calma, Helena, tem calma!

«Não fique teu labio mudo;
«Tu, que és a flor das mulheres,
«Dize, dize que me queres,
«Confessa, confessa tudo!

«Não soffras por meu respeito,
«Não abafes como um crime
«Essa palavra sublime
«Que assim tortura teu peito!»

Helena soffre, e é levada
Para casa, com perigo,
Pelo Castro e um outro amigo
Que a carregam desmaiada.

Vem o medico, e a examina,
E, vendo o mal num instante,
Grita: «Depressa, um purgante
«Para salvar a menina!»

Helena, emfim, como um vime,
No outro dia se levanta:
Não tinha mais na garganta
A tal «palavra sublime».

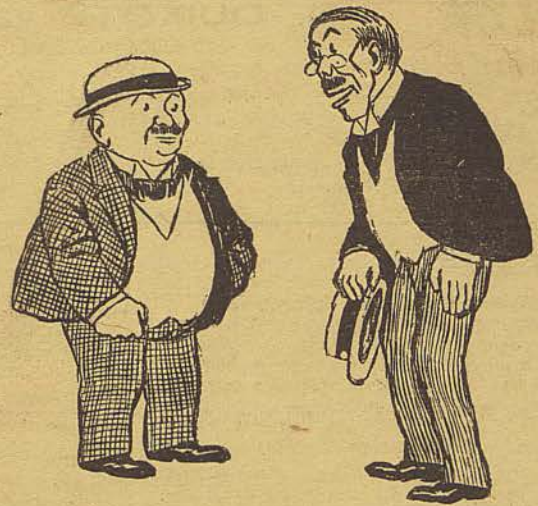
E é o Castro, então, que desmaia
Ao ver seu tempo perdido:
—Helena havia engulido
A alva conchinha da praia!

Aventuras e desventuras da Família Merquide Saçardote



Aparece então a velha Ispiciosa que, num rasgo de audacia, veio se entender directamente com o delegado, explicando-lhe tudo o que acontecera, desde o seu conhecimento com o «Dr. Serapião» até o desaparecimento deste.

Mas o Dr. Fedegoso não era homem que se deixasse tão facilmente confundir, e a sua physionomia tornou-se ainda mais severa, como se antevisse naquillo simplesmente um meio de innocentar o prisioneiro.

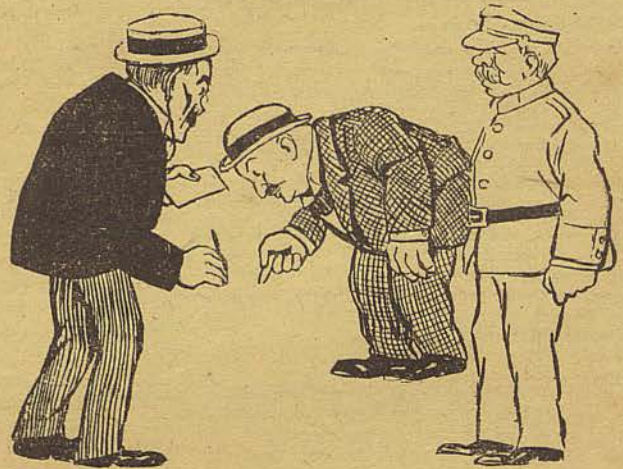


Não havia duvida: Estava em presença de um caso melindrosissimo, e que requeria a maior somma de argucia e tenacidade. O homem era culpado, pois do contrario não teria escondido as notas debaixo do colchão, e agora vinha aquella velha allegar motivos completamente fóra de proposito.

Convinha pois tomar medidas mais energicas, para descobrir o fio do intrincado problema.



Felizmente a justiça tinha na pessoa do Dr. Fedegoso um elemento valioso de argucia e integridade — e as suas ordens desta vez foram ainda mais severas: Sem que se guardasse a entrada e a sahida do edificio, se procedesse a um exame mais minucioso em todos os objectos, não desprezando o menor detalhe, pois muitas vezes o que parece insignificante para o commum dos mortaes, para um *detective* tem um valor inestimavel.



De conformidade com este novo modo de pensar, elle mesmo poz-se a examinar tudo, notando immediatamente no soalho signaes evidentes de pegadas humanas, que denotavam a presença de individuos estranhos e perigosos, talvez cúmplices do falsario.

Tornava-se preciso, portanto, extrahir as impressões digitales não só do soalho como de todos os objectos, onde fosse possível o contacto de mãos ou pés estranhos, como fechaduras, ferrolhos, chaves, portas, janellas, etc., etc.

(Continúa.)

DE vez em quando o Japão nos dá um ar de sua graça. Antigamente só o conheciamos trazidos pelos Barnuns dos Circos de Cavallinhos; eram uns camaradas amarellos, de olhinhos de amendoas, ralos bigodes escorrendo dos cantos dos labios.

Peritos em jogos malabares e

prodigios de contorcionismo, eram o encanto da petizada e até da gente grande.

Hoje o Japão mudou de figura e outros são as figuras que nos envia; em lugar de malabaristas que jogam para o ar pratos, facas, bolas e outros objectos de feitio e pezo diversos, o Japão envia-nos malabaristas de economias e finanças. Ahi temos agora um Sr. Saiba que nos vem ensinar a ficar ricos, plantando arroz.

Isso deve ser uma coisa complicada; mas, como o arroz dá em terrenos alagadiços não será muito difficil a cavação.

Os raios Mello — Objecções e duvidas têm sido levantadas quanto á identidade dos nossos raios que o tenente Mello julga haver descoberto.

Naturalmente o inventor está irritado com essas picuinhas, e, para responder aos seus contradictores, seria justo que elle denominasse sua descoberta—*Raios que os partam!*

Seria uma boa partida.

D. QUIXOTE

CORRESPONDENCIA

D. QUIXOTE valorisa o bom humor

Por contribuição publicada D. QUIXOTE pagará, a título de animação, 3\$000



Rir faz bem.
(Com bom sal).

Graça é dinheiro.
Dinheiro não é graça.



EXFEDIENTE

No intuito salutar de lutar pelo sal e desenvolver o gosto pelo generoso alegre entre os nossos jovens literatos, saturados de tristeza e pieguismo, D. Quixote publicará todos os números, as contribuições que lhe forem enviadas pelo publico — aneddotas, pequenas historias facetas, satyras, commentarios politicos, sociaes, literarios, etc. —

A escolha dos trabalhos, que fica a juizo do bom senso e do bom gosto de Sancho, obedece ao seguinte criterio:

Graça. Originalidade, pelo menos na forma. Ausencia de obscenidade

Por contribuição publicada D. Quixote pagará, a título de animação, 3\$000.

Redacção correcta e boa grammatica estão naturalmente subentendidas.

Não serão devolvidos os originaes não publicados, nem se manterá polemica a respeito delles.

Os trabalhos devem ser assignados por um pseudonymo e, em envelope fechado, o nome (ou outro pseudonymo) para identificação do autor.

Todos os trabalhos destinados ao concurso dos não-humoristas devem trazer nas sobrecartas a declaração não, sem o que serão considerados collaboração graciosa.

Pedimos aos nossos amigos não cujos trabalhos tenham sido publicados até o numero passado, virem receber a importancia dos mesmos até o dia 15 de Setembro, sob pena de cair o seu credito em exercicios findos.

(Lembrem-se do que acontece no thezouro).

Para simplificação de nossa escripta, rogamos aos autores dos trabalhos publicados que providenciem para a recepção do valor do seu sal, dentro da semana da publicação.

O Concurso dos cinco sonetos sem vogaes encerrar-se-á impreterivelmente no dia 12 de Setembro.

O julgamento dos trabalhos será feito por uma commissão de poetas cujos nomes publicaremos no numero desse dia.

Correspondencia

Trabalhos recebidos até 20 de agosto:

ANTONIO PAES (S. Paulo) — São inevitaveis as repetições de pseudonymos. Entretanto qualquer duvida ficará desmanchada continuando-nos a mandar V. alguns dos seus magnificos trabalhos. O (S. Paulo) entre parêntesis, desmanchará a confusão.

GHAGAS CONAGA — Aceito.

REO NATO — Forçado e trocadilho; o homem não é Gatta Pretas, no plural.

ATYS — Mande.

SIC — Aceitos dois trabalhos. Quanto ao producto das contribuições publicadas, mande recebê-lo por qualquer pessoa com um recibo do seu punho para compararmos a letra, já que não mandou nome para identificação. Continue que a senhorita, com o devido respeito, vai lá das pernas... (sentido figurado).

FOFO — V. abusa dos trocadilhos forçados. Imaginem: Ah! fauz gado! Ah! punho alado; o gatilho arre-negou! E' pena! Podia ter dado um tiro nisso...

ZECA — Mal slinhavado o caso do medico allemão; ençossa, ainda por cima. O outro Lial cheiroso.

OSMON — A sua aneddota do caçador é das que tem graça contadas verbalmente; escriptas ficam aguadas.

TEM TIM — Fraquinhas.

F. T. D. — D. Quixote não é Belchior; não faz negocio com historias velhas e surradas como as que nos mandou.

A. LYRIO JUNIOR — Curiosa a sua contribuição das vogaes. Aceita. A do Seraphico abusa de trocadilhos gastos.

ROCINANTE — Authentica, talvez; mas um pouco trop fort.

A. QUEIRA (Bahia) — De tudo o que nos mandou só se aproveitariam os Factos da Lua, se tivessem melhor redacção.

THEBAS — O seu caso não chega a ser uma aneddota; é uma pouca vergonha em familia.

FA-MINTO — A carestia da vida, além de longa é um argumento em favor da carestia do sal.

O seu trocadilho satyra com o Juvenal Lamartine, não é digno do Juvenal (do outro). Mesmo porque este não fazia trocadilhos.

ZE' GIRÃO — Começa assim a sua historietta: «Estava eu á janella da casa de um visinho que lhe tinha morrido um filho. Facto lamentavel! Até a grammatica poz luto.

PRATAMENTIROZA — «Eu a cinco mezes mais o menos» Basta; não lemos o resto. Vá para a escola.

M. MIDNOG — Os dois Albuquerque estão quebradissimos; o que admira tratando-se de tão illustres cavadores.

ALUPIFER — Diz V. falando a sua ella:

Não me envolva, por Deus, nesta enrascada!

Pena de Talião! quem lhe mandou, a V. enrascar a grammatica?

X — Para um trocadilho tão banal, tanto papel gasto! E' pena!

CAMPISTA — O seu trocadilho — a *cova arde* — não é dos mais valentes. Quanto ás caricaturas vamos procural-as no nosso archivo e responder-lhe-emos depois.

NEPTUNO — Com alguns repregos irá á sua comedia a vapor.

RAULZINHO — Aceito.

DR. FAR (péo) — Sahiu do Purgatorio depois de purgado alguns peccadinhos veniaes.

D. PICHOTE — Do Raul esse trocadilho? Não publicamos calumnias contra ninguem, maxime contra a gente cá de casa.

CARDO — A pessoa visada é nosso collaborador; por um dever de lealdade mostramos-lhe o seu interview. Elle pediu-nos *habeas corpus*. Concedemos-lhe'o, respeitando as susceptibilidades, mas com grande pesar, por que a troca está boa a valer. Mande-nos outra coisa, que será *welcome*.

A. BREU — Muito soçado o trocadilho de negocio da China...

BROCARDO BICUDO — O seu calculo é interessante; verdade é que V. substitue a vontade letras por valores num membro da equação e deixa-as no outro. Mas sem esse *artificio* a sua algebra não seria humoristica. Aceito, com o protesto do Dr. Raul Guedes.

GALENO — Aceito. Attendido quanto á assignatura.

A. RIB — O concurso dos nãoes não comprehende as caricaturas; a factura dos *clichés* já constitue para nós não pequena despeza. Quanto ás legendas reservamo-nos o direito de substituil-as quando julgamos preciso, nos trabalhos publicados; se nos der o prazer de sua visita dar-lhe-emos explicações mais detalhadas.

CRAYON (Recife) — Mande-nos de preferencia caricaturas locais, *charges* de individuos em evidencia nessa boa terra borbesca.

TASSO — Hom'essa! A tal historia do «John, você apiton?» é mais velha que o apito em bocca de policia! Velha e frescalhota. Foi para o lixo.

ZE'QUINHA — O *diamante do Dr. Alipio* está longe de ser brilhante; mas é de 1' agua. salôbra.

P. NEO — Algumas acceitas.

PERALVILHO — Aceita.

D. QUEIJOTE — Dois trabalhos para o purgatorio; mas não abuze dos trocadilhos.

K. PI-TÃO — Uma simples resposta asnatica em um exame, não chega a ser uma aneddota.

GIOVANNI GASPARI — O amigo quer, então, ser sogro de Baccho! é uma idéa pão d'agua; mas ao soneto em que V. a expõe falta espontaneidade; — *culto mi potente*; — é facto *verdadero* — bom Deus «cheri» de toda gente — são *ficelles* de poeta bisinho.

Na *Ultima ventura* e no *E' carestia* — há uma grande doze de versos estropiados.

Ex:

*No meu caizão negro todo e doirado
Irei a gosto ao morrer espichado*

Queres um beijo em teu rosto redondo.

Cuide mais da metrica, que as suas idéas são aproveitaveis.

HERMANO BRUNNER — Incolor o seu chromo; mande-o ao Lindolpho «Collor» no Malho.

MURILLO — Deus nos livre de offensas ás colonias alliadas! você está doído!

NEPTUNO — No dique a *Escola Anormal*, para concertos. Evite sempre rimar substantivo com substantivo como neste soneto e principalmente participios com participios como é o caso no outro soneto (4 rimas).

Denota pobreza franciscana.

R. — Aceito o *Amor e Medo*.

SÃO CHUPINÇA — A vingança do Bicho tem os tercetos mais quebrados do que anda o Labanca:

Ex:

*Certo dia, tendo accertado, quando...
O bicheiro doído e um soldado á porta.*

Supremo Desejo, acceito, com retoques.

R. M. — Homophonia aguda no *Regenerado*; rimas em *ada e aval*.

LIZAR — Em *Meu coração* a idéa é boa e tem graça; é pena que os versos estejam na maioria errados.

As quadrinhas — fracas — alem dese *p'ro nella dar um castigo*. Não se dá castigo em alguém... *Cesta é o castigo* que lhe damos.

S'NHOR BIEIRA — Aceito, para a secção de Bancos e Cathedras.

O. JACO' (Recife) — A's suas pipocas falta sal. Ora... ditas!

DR. NUNO VI — Fraquinhas...

PASCAGIO — Haverá algum dos leitores do *D. Quixote* (1.308.000) que ainda ignore a historia do sujeito que poz na cartão de visitas: *Falano de tal* — expassageiro do paquete... (aqui um nome qualquer —) Se houve r. alguém, que levante o dedo.

Quanto ao soneto *Sacrificios* tem varios versos sacrificados ao Diabo da «quebradeira»!

Ex:

*Branca luz destes olhos negros e brilhantes...
Esta luz que dá aos versos palpitanes...
Do carcere sublime da sciencia a olhar.*

BENEVENUTO SALLES — Aceitos dois trabalhos...

DONA TRISTEZA — Bella idéa a dos seus bellos versos, cheios de amaveis coisas que nos captivam. Que venham as Dulceínas que aqui serão recebidas de braços abertos, se trouxerem como D. Tristeza, bellos versos ou boa proza.

SMART — «Se não tira-se para o dia» Não escreva mais isso, homem! Você é preso na primeira esquina pelos guardas civis da syntaxe.

AGLO ORYC — *Theatro electrico* está bem conduzido mas o desfecho é fraco.

GALAO — Quebradissimos os seus versos.

BELCHIOR — O seu soneto monosyllabico é pena não ser soneto; onde viu V. *vi e ti* rimar com *e e que*?

K-PI-TALISTA — Os trez mil reis offercidos pelo *D. Quixote* o são a título de animação; como prego seria barato para as boas contribuições; para outras que nos damos ao trabalho de corrigir, é até carissimo — é a lei das compensações. Assim, os fortes ajudam os fracos o que é profundamente christão. Queremos que a classe seja unida...

MAR-MOTTA — Aproveitaveis se não fosse aquelle verso — *Minha doce flor de lima* — mettido a sopapos para rimar com — cima.

O Duque Estradeiro.

O DIA DE UM "ENCANTADOR"

A elegancia urbana atravez das vinte e quatro horas de um moço bonito

(Continuação do n. 13)

Tinhamos ficado no ponto de explicar os escabrosos motivos porque Mme. se divorciara do esposo. Foi um caso de escandalo elegante que abalou a cidade serrana e fez muita gente abalar de Petropolis, descendo a serra, a excepção do marido que a subiu.

Tivemos, entretanto, a ingenuidade de avisar aos leitores que no numero seguinte do *D. Quixote* (14) relataríamos o caso com todas as suas picarescas minucias.

Ai de nós que tal fizemos! Petropolis estremeceu.

Todo o *set* veranista que ainda se delicia com os remanescentes do inverno carioca, moveu-se para a nossa redacção, a evitar que o escandalo viesse a lume.

Diga-se de passagem que sómente os homens é que nos procuraram.

Porque esse medo do escandalo?

E' que Mme. tivera um amante em Petropolis.

Foi isso que aqui nos trouxe, cada qual por sua vez, elegantissimos senhores que de passagem para o Monte de Soccorro nosso vizinho (vem ahi o Caruzzo) nos vinham supplicar:

— Homem, não publique! olhe que eu sou casado...

E outro:

— Pelo amor de Deus! Minha noiva desmanchará o casamento!

E outro mais:

— Se o marido sabe, mata-me.

E ainda outro:

— Não me ponha a perder, que a minha mulher já

anda desconfiada.

Houve um que chegou a nos ameaçar de comprar toda a edição do *D. Quixote*.

Não aceitamos, seja dita a verdade, para não prejudicar os nossos queridos annunciantes.

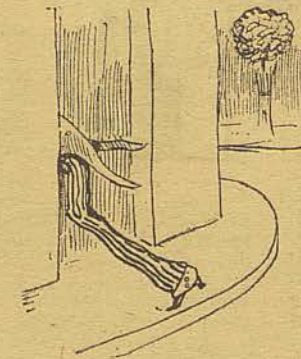
Afinal, tantas e tão insistentes foram as supplicas que não tivemos remedio si não retirar a escabrosa narrativa, desmanchando a pagina já prompta e interrompendo com grande pezar, a historia das Aventuras do encantador Belleza.

(Ilustrações de Helios)

Contamos, porém, o caso ao chronista Cypriano Lage para que o desse a publico n'Os de hontem...

Cypriano, chamou-nos a parte e segredou-nos alguma cousa ao ouvido; tambem elle não o daria; tinha para isso motivos personalissimos que não queremos declarar.

Pois bem; foi essa crea-



turinha, singela e esgalga que o nosso Belleza acompanhou, levou a um café chic, e chupando limonadas, cobriu de galanteios madrigalescos.

Um passeio de automovel pela Avenida Beira Mar completou a tarde deliciosa.

Graças ao exterior elegantissimo Belleza consegue manter inabalavel o seu credito entre os *chaffeurs*.



Não se admirem, pois, os leitores que elle tenha dado o beijo no cinesiphoro, com um «amanhã» sibilado entre dentes. Belleza despede-se, na linha... O encontro não teve consequencias; Belleza apesar de pertencer ao *set*, respeita as senhoras desacompanhadas e principalmente as que o estão.



Belleza foi o unico veranista que não veio á nossa redacção pedir silencio sobre o romance de Mme. Lili.

O encantador volta ao seu tugurio. Faz a sua toilette nocturna e adormece emfim, tendo o cuidado de dispor com o maior cuidado as peças da sua indumentaria.

Mas nem tudo são flores neste mundo ignaro. O nosso heroe que, acordado, tivera sonhos adoraveis, é perseguido no somno por horriveis pesadelos..

«Não ha no mundo felicidade completa» já dizia Helio Lobo, citando o illustre Conselheiro que vós todos conheceis.

Belleza recomeçará amanhã a sua vida suave e facil e conquistará novos *flirts*, fará novas dividas e exhibir-se-á nos salões *chics*, para que o pezadello que o perseguiu jámais se torne em dura realidade.





Bancos e Cathedras



Uma "Época" fóra da época.

A *Época*, revista da Faculdade de S. J. e Sociaes, é positivamente uma publicação que cumpre a risca o seu programma.

Nos tempos que correm, em que tudo anda ás avessas, o caso é simplesmente para nos estarrecer de espanto, por sua indiscutível phenomenalidade.

Ora, avaliem os leitores que tendo a aludida revista, por principal escopo, occupar-se de assumptos juridicos, familiarizando-os com o espirito de jovens estudantes, sendo para o fim de estimular o gosto pela sciencia de Ulpiano que é ella mantida, em suas columnas todas as questões são arduosamente tratadas: sciencias especulativas, sciencias naturaes, pre-historia, geologia, sciencias occultas, archeologia, menos, exacta e paradoxalmente, as que, mesmo de longe, dizem respeito ao velho e esfarrapadissimo Direito.

Espesinado aqui, vendo ali destruidas pela brutalidade da força todas as suas grandes conquistas, o Direito, decididamente não anda lá com muita sorte...

No seu primeiro numero deste anno, a *Época* abordou com a costumada elevação todos os problemas que ora agitam o espirito contemporaneo; mas, fiel ao seu programma, sobre o Direito só illuminou as suas columnas com um artigo juridico-literario do romantico elyrico professor Pinto da Rocha.

Em compensação, mimoseou-nos com umas interminaveis tiradas sob o arripiante titulo *Um mal que se alastra*, que, pela sua natureza (laborioso e paciente estudo sobre a complexidade de males oriundos do alcoolismo) lamentamos sinceramente que o seu autor não o tivesse publicado em um jornal de qualquer liga ou instituição de regeneração social, que é onde estaria admiravelmente, e não numa revista de jovens, forçosamente abstenios e isemptos de vicios e peccados...



bre a genese do homem, é, emfim, toda uma vasta synthese de investigações sobre tudo: desagregação da nebulosa, origem da terra, apparecimento das primeiras civilizações sobre o globo terraqueo e até sobre a descendencia do homem!

Quanto ao Direito, só um ou dois trabalhinhos...

Dir-se-ia antes um numero de homenagem ao Instituto Historico, cujos presidente e secretario perpetuos, são exactamente, por uma cruel ironia da sorte, os mesmos da Faculdade Juridica.

Abrindo-se-lhe as paginas desse numero, depara-se-nos em primeiro lugar *A Evolução*, estudo sobre as doutrinas lamarckianas e darwinianas; em seguida, o nosso olhar se deslumbra com *Prehistoria*, trabalho de Eloy Ribeiro, em que o intelligente bacharelado nos define, e pacientemente nos explica o que vem a ser aquelle ramo de sciencia, que suppunhamos um bicho de sete cabeças, quando é tão simples; mostrando-nos, em seguida, com uma erudição de nababo do pensamento, a evolução do mundo em todos os seus estadios, concluindo por dar o homem como já existente no periodo terciario.

A nossa esthesia ahi se exalta e inflamma, ante as pompas de um estylo em que as mais meticulosas pesquisas sobre a origem do Kosmos se mesclam e harmonizam com as subtilidades de uma analyse vigorosa e exacta.

Por fim vem a *EVOLUÇÃO DO HOMEM*, inassimilavel artigo de Evaristo da Fonseca, por onde ficamos sabendo que o homem não descende, como tolamentemente suppunhamos só de um macaco, como força o quer o rabugento Haeckel, mas de diversos, simultaneamente apparecidos em diversas partes do globo. A raça caucasica, diz o joven philosopho, provém de um macaco branco, e a ethiopica de um macaco preto.

No seu ultimo numero, então, a *Época* está uma maravilha...

Os mais graves e transcendentos assumptos

aahi se entrechocam e fuzilam... E' todo um pequeno mundo de sabedoria e erudição: é a paleontologia, é a pre-história, são as excavações profundas sobre

Era impossivel (deixa elle entender, não o affirma, é bom que o digamos), as condições exteriores, o clima, as influencias mesologicas transformarem, mesmo atravez de milenios de seculos, um homem branco num preto.

Não ha duvida, a *Época*, publicando taes trabalhos, preenche brilhantemente os seus fins... Os seus collaboradores é que estão deslocados, não estão ao contacto de um ambiente propicio ás suas invejaveis aptidões para o estudo dos fosseis e outras preciosas antiguidades, e o melhor que o Sr. conde de Affonso Celso faz, augmentando assim a aureola do seu nome, com um acto de tamanha e grandiloqua benemerencia, é chamal-os sem demora, sem perda de um momento, para o Instituto Historico.

Lá é onde a intelligencia e as inclinações desses jovens serão proveitosamente utilizadas.

Dentro em pouco, apostamos, annunciarão gloriosamente ao mundo embaixado a explicação da origem adiposa do Universo, mettendo num chinello toda a massada erudição do Sr. Max Fliuss, e adeus, então, ó sabios antigos e modernos: um outro poder mais alto se levantou e mais um mysterio lá se foi, para desespero da Santissima Igreja Apostolica e Romana e do proprio conde de Affonso Celso...

Xão-typo.

Encontram-se dois amigos após varios annos de separação.

Depois de haverem exgottado todo o assumpto de recordações, cahe a conversa sobre litteratura.

Um affirmava a superioridade da escola parnasiana, a unica cujas obras agradam ao ouvido e encantam a imaginação; o outro, romantico, descrevia em phrases breves a belleza singela dos versos de 1830. E terminava:

— Hoje em dia, difficil é encontrar-se quem seja capaz de cantar as maravilhas do amor com vozes tão puras e maviosas!

— Ao contrario do que pensas, diz-lhe o primeiro, é até facil; vae ouvir uma aula do Pinto da Rocha, sobre o Direito Civil.

NA ESPECTATIVA

(Da carteira de um bacharelado)

Estudo as Leis, estudo-as com carinho,
E hei de ser um *Doutor* custe o que custe:
Em breve, sobraçando um Pergaminho,
Eu com Themis vou ter severo ajuste.

No entretanto eu me sinto em desalinho,
Que ovelha virar lobo é baldio embuste:
Falta-me a vocação no máo caminho
Onde pleito não ha que não me assuste.

Não comprehendo a Hypotheca; não me agrada
Ir defender ladrões; não sei Processo,
Nem onde fica o Forum: não sei nada!

Mas a um *Doutor* não falta noiva rica;
E além disto, o Diploma dá-me o ingresso
Para eu ser Delegado em Hiririca!

Benedicto Salgado.

Triste verdade

(Da carteira de um estudante)

Como a velha cigarra fabulada
Que canta alegremente todo o estio,
E acha-se mal, por ser imponderada,
Em chegando o encolhido e lento frio;

Eu tambem — numa lyra desastrada
Que ora louvor recebe, ora assobio —
Rimei toda a lectiva temporada,
Cantando o amor insano e fugidio...

Passou-se o tempo e evaporou-se o arame
Nos pagódes olympicos de arromba...
(Quem haverá no mundo que os não ame?)

Mas já Dezembro dos infernos tomba!
E — cousa muito logica — no exame
Eu, que tanto cantei, danço na bomba.

Benedicto Salgado.



ESTRELLAS E CANASTRÕES



Pensa... dellas

(SOBRE A ARTE THEATRAL)



No theatro, qualquer mulher póde ser troço... desde que seja bonita e exhiba elegantes vestidos de alto preço.

Zazá Soares.

Para agradar no palco, basta representar como si se estivesse tomando parte numa encenca, na Saude.

Cecilia Porto.

Representar? Sei lá o que isso vem a ser! Entretanto, sempre agradei... p'ra burro!

Cecilia Neves.

Tenho observado que o publico admira mais as actrizes quando não percebe o que ellas dizem em scena. E' por isso que, representando, trato de despejar o sacco muito depressa.

Lucilia Peres.

A arte de representar não é difficil; basta, aquella que a abraçar, ter vocação para ella e um mestre... como o Germano Alves.

Apollonia Pinto.

O theatro é, pouco mais ou menos uma casa de modas. Representar differe pouco de fazer vestidos.

Maria Lina.

Interpretar um papel é a mesma coisa que dar um passeio de automovel.

Belmira de Almeida.

Não comprehendo o theatro; quando represento, divirto-me tanto como se estivesse lavando, num rio de aldeia, uma saia branca ou uma camisa de dormir.

Margarida Velloso.

No intervallo de um ensaio, no Trianon, um actor lê, num jornal, as propostas do Papa para a paz, e approva com enthusiasmo a que se refere á libertação da Polonia.

Percebendo pouco de geographia, pergunta o Atilia de Moraes:

— Afinal, a Polonia o que vem a ser: russa ou turca?

— Nem uma coisa, nem outra — ataca o Emygdio Campos, aproveitando o ensejo para fazer graça. — A Apollonia é germanophila.

— Como assim?

— Pois não é ella do Germano... Alves?...

Conchita Sanchez Bell



Todo o publico conquista
Com um sorriso, de uma vez,
E seria até artista
Se falasse portuguez.

Entre autores nacionaes.

— A critica mettu o páo valentemente na *Renuncia*, de Claudio de Souza.

— Elle disse que já esperava isso...

— Comprehendo: renunciou, de antemão, aos elogios da critica.

No S. Pedro, ao que se diz,
Ha duas coisas na berra:
De seu Ferreira o nariz
E as pernas do Antonio Serra.

ALFREDO SILVA



Gordo, ventruado, soturno.
Brilhou no Forrobodó.
Fez bem um guarda-nocturno
E até agora... foi só.

Perfis theatraes

I

Nome — Cremilda de Oliveira.

Alcunha — A primeira actriz portugueza do mundo.

Idade — 83 annos e meio.

Onde nasceu — Num mundo de illusões fagueiras.

O que é — Pharmaceutica.

O que foi — Ninguém sabe.

O que quer ser — Millionaria.

O que faz — Pilulas.

O que fez — Asneiras.

O que pretende fazer — Synapismos, quando o theatro a puzer de parte.

Garoto.

207

A AUXILIADORA — é uma verdade!
Não é mentira, meus senhores!

E' a que nos dá felicidade!

No grande emporio de penhores

Da rua 7 de Setembro,

Casa Del Vecchio e Companhia,

Desde Janeiro até Dezembro

Sempre se empresta bom dinheiro

Quer seja noite ou seja dia,

E sem demoras nem enganoso,

Sobre automoveis e pianos,

Carros e roupas e metaes,

Movéis e louças e crystaes,

Mercadorias e berloques,

Tudo se acceita sem remoqueos.

Dispõe de bon capital.

O telephone é — Central

Guardem tudo de uma vez:

Quatro — Dois — Cinco — Seis —



No Mundo da Bola

Escreve o Mario pollo, pelo Correo, que o juiz do ultimo encontro interestadual deixava de marcar muitos "off-sides"... etc.

Começando por elle proprio. Haverá posição mais "off-side" que a de um juiz? Duvidamos, por Deus do ceu! O Fausto que o diga!

O Sylvinho, do S. Christovam, é o prototypo da modestia.

Sendo jogador effectivo cavou para ser reserva... do exercito.

Já não é a "1." vez que o "scratch" da "2." apanha do da "3.". Mais um "4..." de hora é o "5." goal estaria lá dentro...

"S'esta" moda péga...

— Mesmo assim os cariocas estão muito acima dos paulistas; é um facto!

— Não sei porque...

— Ora, pois não! Em materia de derrotas pelo menos...

Não duvido que o "barão" esteja comprado pelos paulistas... é incrível que lhes favoreça sempre com um goal, no minimo, sem levar os "guandos" da A. P. S. A.

— Sim senhor, o Couto é mesmo de facto!

Inda não deixou de metter o seu goal em qualquer match que tenha entrado: no nosso campeonato; em S. Paulo, contra o "scratch" de lá; aqui no Rio, contra os paulistas, contra o scratch nacional... e etc. No entanto não o põem sinão no contra-scratch!

— Que queres? não disseste que elle mette goal contra scratch?! Lóogo...

Quebraram a crista do Gallo!

Estavam para "carregal-o" quando "corre gallo" pela gramma a fóra e estava quasi a escorregar quando foi socorrido o homem que só corria atraz dos paulistas.

O Pino ficou com pena e passou-lhe um panno no rosto; o Gallo que rezava por Christo ficou com uma crosta vermelha na... crista...

O Flavio do Palmeiras (do Rio) diz que o "scratch" da 2. perdeu porque não fóra escolhido para jogar; e mette as botas nos players.

Quanto ao facto de metter a bota é muito natural em se tratando de um shootador; mas quanto ao resto, só mesmo se lhe chamando de muito "tesoura".

Contando "a dedo", os nossos chronistas não passam de uns 15, no entanto nos nossos campos de football apparecem tantos que, quando «os de facto» chegam não encontram lugar, nem espremendo - E até se vêm gury's de 12 e 10 annos, naturalmente chronistas do «Polichinello» e «Tico-Tico»...

Os chronistas paulistas (não todos) "atacam" extraordinariamente os seus collegas daqui, dizendo que S. Paulo não possui (com ironia) keepers, full-backs, forwards, etc... e que o "ataque" paulista não presta e é fraco.

Quanto a isto nós protestamos. O "ataque" paulista é tão superior ao nosso que somos constantemente "atacados" e não nos "defendemos" uma "linha" contra a ironia dos de lá...

Chiquinho



Vendo este "forward" veloz,
Entre dentes diz o Gallo:
Si o jogo fosse de noite
Quem poderia marcal-o?

A Liga mandou chamar Osny por ter dito o juiz do encontro Fluminense X Botafogo, que esse jogador «pensou» que o «goal» era «off-side».

Si pensou, pensou mal e era o caso de se dizer como o outro: "Osny saurat qui mal il pense".

Ora, sim senhores! Lá porque o Nery estuda medicina, o Dr. Ferreira é seu inimigo.

O primeiro ia a Montevidéo, o segundo desistiu; o primeiro resolveu não ir, o segundo fez o contrario... só para machucar. Não vá agora o doutor vir "machucado" de lá...

Sahiu sabbado a *Vida Sportiva*. Lá estavam "poseurs" os dois captains Netto e Lagrecca.

Escrevem-nos os captains das 2. e 3. divisões, protestando contra o esquecimento delles.

De facto! Nem uma linha para uns homens que tanto fazem pela "vida sportiva carioca"...

Têm razão.

A Liga, quarta-feira, resolveu, por não estar ainda approvada a tabella, não consentir que se iniciasse domingo ultimo o campeonato infantil.

Quinta, sexta, sabbado. Não o poderiam approvar?

E o nosso scratch que foi approvado ás 10 horas da noite de sabbado não deu conta do recado?

Eis "a prova"...

Foi negado, pelo voto de desempate da directoria da Liga, o pedido de demissão do Sr. Fausto Torrents do quadro de juiz.

Emquanto o Fausto insistia

O pedido de demissão

C'o o desempate na mão,

Da Liga o "director ria"

E para o Torrents dizia:

— "Do seu papel "dê missão"

.....

E o Fausto a recusa aceita

Carregando desta feita

De juiz o seu cartão...

O Euclides precisa perder a mania de zangar «com todo o mundo».

Por isso, estive nesta redacção o Sr. Baldomero Carqueja, que nos pediu protestassemos contra o seguinte absurdo:

«No encontro da rua General Severiano, o Euclides pulava, gritava, berrava possesso, chingava o Torrents sem haver protesto dos «da imprensa»; no encontro do Rio X S. Paulo, porque este Sr. Carqueja estivesse «torcendo» um pouco, houve protesto do mesmo Sr. Euclides e quem no caso pagou o pato foi... «a avó»!

Sem commentarios.

— A escolha de uma bella gravata é um problema de difficil solução.. para quem ainda não visitou a *Maison Sport*, a rua Gonçalves Dias, n. 53.

Procurando cosinheira...

Certa manhã, após furiosa discussão a proposito de meia restea de cebolas que desaparecera da cosinha, a minha cara metade despediu a cosinheira.



Fui eu, já se sabe, quem mais soffreu com a sahida da artista culinaria.

— Anda, Polycarpo, vae à agencia e traze-me uma cosinheira, disse-me a mulher ainda bastante irritada.

Sahi, resignado. Fui a uma agencia: não havia cosinheira. Fui a outra: também não havia. A mais outra: mesma cousa. Ainda a outra: nada!

Suado, estrompado, maldizendo o máo genio da minha esposa, voltava á casa já disposto a almoçar queijo e bananas, quando deparei com o açougueiro.

— Que tem, Sr. Polycarpo? Parece-me aborrecido.

— E' verdade. Estou sem cosinheira, já fui a mais de vinte agencias, e nada!

— Pois olhe: eu conheço nma bellissima cosinheira, a Genoveva. E' barato: 40\$000 por mez...

— Que achado! mas onde mora ella, seu João?

— Mora lá p'ra rua do Senado, numa casa de commodos, numero 63, se não me engano...

Diabo! era muito longe; estava-mos na rua S. Clemente. Mas, emfim... Um taxi passava. Entrei, e tóca...

Cheguei á rua do Senado. Parei no 63. Indaguei. Não era lá.

Quando me retirava um pretinho que ouvira as minhas perguntas, disse:

— O *Sinhô procura a Sa Genoveva?* E' alli defronte. E me apontava uma casa de tres andares.

Para lá me dirigi.

Entrei.

Não havia porteiro.

Percorri um longo corredor escuro e cheguei a uma pequena area.

Um homem, em mangas de camisa, serrava uns pedaços de madeira.

Como não notasse a minha presença, interpellei-o:

— Faz favor?

— Que deseja?

— Eu procuro a Sra. Genoveva, cosinheira; mas como aqui não ha encarregado a quem se possam pedir informações, creio que seria mais simples chamar essa pessoa do que procural-a ao accaso pela casa toda.

O homem inclinou a cabeça.

— Mas, prosegui, como estou um pouco rouco, quereria o Sr. gritar em meu logar?

— Pois não, fez o homem, e, reunindo ambas as mãos em torno á bocca, gritou com todas as forças:

— *Sa Genoveva!*

Nenhuma resposta.

— Talvez não tenha escutado, arrisquei.

O homem comprehendeu e recomendo:

— Eh! *Sa Genoveva!*

Ninguém respondeu.

— E' extraordinario, fiz eu. Queira ter a bondade de gritar mais uma vez.

— Pois não, fez o marceneiro, e desta vez berrou tão forte que quasi me ensurdeceu.

— *Sa Genoveva!* O *Sa Genoveva!* Mas, em vão. Nada de resposta.

Muito embaraçado dei uma prata ao operario, e, ao deixal-o, para dizer alguma cousa:

— Talvez não more aqui, murmurei com um sorriso idiota.

— E' possível, respondeu o homem; e, retomando o serróte, ajuntou: «Sou eu o unico inquilino desta casa...»

Lourenço.



A elegancia no traje civil e no militar é não só uma prova de bom gosto e distincção como constitue uma optima recommendação no meio social.



A Cooperativa Militar fornece de tudo e do melhor desde o sapato ao chapéo, por preços, os mais razoaveis da praça.

Comprar na Cooperativa é saber-alliar á noção de elegancia a noção de economia.

Não esqueçam que a *Cooperativa vende também ao publico.*

Toda gente pode alli fazer compras magnificas.

Parc Royal Rio de Janeiro

V. Ex. encontrará nesta casa

Tudo quanto precisa,

Sempre que precisa, e

Pelo preço que precisa.

Peça os novos
Catalogos Illustrados.

PARC ROYAL.

O LOPES

É quem dá a fortuna mais rápida nas loterias e offerece mais vantagens ao publico.

MATRIZ :

RUA DO OUVIDOR, 151

FILIAES :

Rua da Quitanda, 79; rua General Camara, 363; rua 1.º de Março, 53 e Largo do Estacio de Sá, 89.

Nos Estados: S. PAULO, rua São Bento, 15 A — E. DO RIO, Campos, rua Treze de Maio, 51 — Macahé, Avenida R. Barbosa, 123 — Petropolis, Avenida 15 de Novembro, 848.

A Casa das Fazendas Pretas sendo já sufficientemente conhecida da sua numerosa e elegante clientela para dispensar toda e qualquer reclamação, procura ceder este espaço para annuncio de casa menos conhecida e mais necessitada.

Trata-se na Avenida Rio Branco, n. 141 e 143

PHARMACIA HOMŒOPATHA COELHO BARBOSA & Cia.

Grande Premio na Exposição Nacional de 1908

Quitanda, 106 — Rio de Janeiro — Ouvidor, 38

Allium Sativum

Aborta ou cura a influenza e constipações em 1 a 3 dias O legitimo traz um coelho pintado



MORRHUINA

Oleo de fígado de bacalhau em homoeopathia, sem gosto sem cheiro e sem dieta. Pesai-vos 3) dias antes e depois.

Parturina -- Medicamento destinada a acelerar sem inconvenientes, o portanto sem perigo, o trabalho do parto.

Chenopodium Anthelmintico -- Para expellir os vermes das creanças sem causar irritação intestinal.

Curasthma -- Cura as bronchites astmaticas e a asthma por mais antiga que seja.

Flouresina -- Remedio heroico para flores brancas, cura certa e radical.

Essencia Ondontalgica -- Remedio instantaneo contra a dor de dentes.

Liga-osso -- Poderoso remedio que liga immeditamento os cortes e estanca as hemorragias.

Variolino -- Preservativo contra as bexigas, Especifico contra a coqueluche.

Venusiniam -- Heroico medicamento destinado a curar as manifestações syphiliticas.

Cura-febre -- Substitue o sulphato de quinino em qualquer febre.

Homoeobromium -- (Toni-reconstituente homoeopatha), para debilidade, fastio, falta do crescimento, etc.

Arsenobensol «606» dynamizado -- Especifico contra a syphilis, preparado homoeopathicamente.

Dyspeptinum -- Efficaz na dyspepsia, perturbações do estomago, azia, somnolencia e tonteira.

Capillol -- Impede a queda do cabelo, fazendo desapparecer a caspa em poucos dias.

Palustrina -- Contra impudismo, prisão de ventre, molestias do fígado e insomnia.

Vendem-se em todas as pharmacias e drogarías do Brasil

LOTERIAS DA CAPITAL FEDERAL

Companhia de Loterias Nacionaes do Brazil

Extracções publicas, sob a fiscalização do Governo Federal ás 2 1/2 horas e aos sabbados ás 3 horas, á rua Visconde de Itaborahy 45

Sabbado, 1 de Setembro

100:000\$000- INTEIRO 4\$000
DECIMOS 800 rels

Sabbado, 8 de Setembro

50:000\$000

Por 4\$000 — Quintos 800

Chamamos a attenção para estes novos planos

Os pedidos de bilhetes do interior devem ser acompanhados de mais \$700 para o porte do Correio e dirigidos aos agentes geraes, NAZARETH & C., rua do Ouvidor n. 94 caixa n. 827, Teleg. LUSVEL, e a casa F. Guimarães, rua do Rosario n. 71, esquina do becco das Cancellas, Caixa do Correio n. 1.273.

D. QUIXOTE

**Os maiores armazens
de moveis desta Capital**

Magalhães Machado & Cia.

Rua dos Andradas, 19 e 21
Rua Vasco da Gama, 22 e 24

GRANDE FABRICA

RIO DE JANEIRO

J. A. Rodrigues & C.

Representantes e Importadores

DO EXCELLENTE

Whisky D. C. L.

Depositaris do Pimentão em pó

Colorão Tigre

Bandeira Hespanhola

RUA DO ROSARIO, 92 (ESQUINA DA RUA DA QUITANDA)



BIBLIOTHECA POPULAR

Aberta das 11 às 21 horas

NO

LYCEU DE ARTES E OFFICIOS

CENTRO TURFISTA

Parames Senna & C.

RUA DO OUVIDOR, 185
TELEPHONE 36 NORTE

Filial: Casa Chantecler □ RUA DO OUVIDOR, 138
Teleph. 2975 Norte

84, RUA URUGUAYANA, 84
CENTRO SPORTIVO

Acceptam toda e qualquer aposta sobre corridas de cavallos
e pagam todo e qualquer premio da Loteria
no mesm'o dia da extração.

RIO DE JANEIRO

Drogaria e Pharmacia Bastos

PREÇOS DE DROGARIA

Secção de Pharmacia ao cargo do Pharmaceutico
Candido Gabriel

99, Rua Sete de Setembro, 99
(Entre Avenida e Gonçalves Dias)

ACIDO URICO - URICEMIA
CYSTITES - BEXIGA-RINS
RHEUMATISMO - CALCULOS
AREIAS - PYELITIS - UREMIA

ARTHRITISMO

BI-UREOL

SILVA ARAUJO

GRANULADO EFFERVESCENTE À BASE DE
FOLHAS DE ABACATEIRO. 00

Dinheiro?

A COMPANHIA AUREA BRAZILEIRA
Empresta sobre joias ou cousa que re-
presente valor

11, AVENIDA PASSOS, 11

D. QUIXOTE

Bromil



“Gra·uma·vez·a·tosse...”